A função de uma raiz

A função de uma raiz

Gilmar Ferrari Filho

2ª edição

SUMÁRIO

Prefácio 11

Livro I: Uma alma

I. Para a falta de luz, vaga-lumes 15

II. Um encontro inusitado 19

Livro II: Os eventos subsequentes

I. No escritório 27

II. De que são feitas as almas sublimes 32

III. Como, saindo dos subúrbios, Olga conseguiu retornar a Chandelle 38

IV. Dias chuvosos 38

V. A trilha 39

VI. Pôr do sol 42

VII. Tempestade a galope 43

VIII. Os vaga-lumes oferecem um caminho 45

Livro III: Olga

I. Os traços de Olga 51

II. A corrente que rompe quase sempre age como um chicote 54
III. Prós e contras 58
IV. Encurralada 62

Livro IV: Bastien

I. Gato do dia, puma da noite 67
II. Memórias de um passado distante 70
III. A queda 71
IV. Consequências 73
V. A decadência 74
VI. O ato 76

Livro V: Marcas do passado

I. Uma brasa ofuscada 81
II. A raiz do problema 83

Livro VI: Além da moralidade

I. Na catedral 87
II. A alegoria do pássaro 95
III. Na ausência de uma cura, retarda-se a doença 100

Livro VII: Os caminhos se entrelaçam

I. Onde pode-se ver marcas de marreta 103
II. Uma última hesitação 104
III. Tiro errado, golpe certo 110

IV. Corta-se certo por linhas tortas 112

Livro VIII: Malha fina

I. A morte de Bastien 117

II. A resolução 120

Na minha opinião, chega a ser indecente cheirar uma rosa
sem deixar-se ser espetado pelos espinhos.
Olga

PREFÁCIO

PARA TODOS OS EFEITOS, seja por meio de palavras, versos ou golpes de verdade; seja construindo pontes, quebrando correntes ou marchando contra a sociedade; independentemente de críticas, sanções ou punições maiores, lutaremos até o fim, pacificamente, contra o sistema que cruelmente corta as raízes do sublime indivíduo divergente.

LIVRO I

UMA ALMA

I. PARA A FALTA DE LUZ, VAGA-LUMES

O DIA FECHOU-SE ABRUPTAMENTE. Eram nove e meia da manhã, mas o céu estava completamente escuro. Uma neblina desceu como que em um piscar de olhos, cobrindo por completo o ambiente visível. O vento surgiu em rajadas enfurecidas, ininterruptas, fazendo com que a chuva, que descia calmamente, alterasse seu curso, para não mais cair em sentido estritamente vertical, mas em um ensaio malabarístico completamente aleatório. Os galhos das árvores, nus, há pouco desfolhados pelo outono, dançavam livremente ao sabor das intempéries. Os pássaros, que faziam passagem pelo local, eram desviados de seus voos, apesar da imensurável luta que empregavam para mantê-lo. Ao cabo de alguns minutos, a luz dos postes apagou-se, anunciando a queda da energia.

Assim começou mais uma semana na pequena cidade de Chandelle. Localizada em algum lugar próximo à divisa entre a França e a Itália, a cidade era conhecida por sua vasta quantidade de vinhedos, o que, em períodos de safra, a tornava um grande ponto de interesse. O aroma da uva madura era algo marcante, e podia ser sentido a quilômetros de distância. Ademais, Chandelle era palco de um dos maiores festivais de vinho da região, que tinha início em meados de junho, se estendendo até o final do mês; intitulavam-no *Le Prodige*[1].

Assim como grandes máquinas mecânicas, Chandelle precisava de suas engrenagens. Era movida principalmente pelos agricultores e comerciantes. Em uma palavra, suas raízes se voltavam mais para o arcaico que para o tecnológico. Quem quer que ali morasse e não trabalhasse no comércio ou no ramo

---

[1] “O prodígio”, em francês.

da viticultura, certamente teria de procurar emprego nas cidades vizinhas, como em Malbec ou Verstail, que nutriam maior apreço pela modernização.

Para essas pessoas que trabalhavam em outros municípios, tornava-se necessária a utilização de algum meio de transporte. Malbec era mais próxima que Verstail, mas, ainda assim, ficava a doze quilômetros de distância. Doze longos quilômetros de uma estrada sinuosa e montanhesca. Para os que tinham veículo próprio, isso não era um problema; porém essa não era a realidade de todos os cidadãos daquela pequena província. Além disso, a maioria das empresas pagava a passagem de trem para os funcionários que optassem por utilizá-lo. Então, em última análise, do ponto de vista financeiro, era mais vantajoso do que ir com veículo próprio.

Com a queda da energia, esse pequeno pedaço de civilização, legalmente denominado cidade, porém beirando a definição de vilarejo, ficou por completo na escuridão.

O gosto amargo daquela manhã de segunda-feira já reverberava nos transeuntes da estação de trem. O local fora de longe o mais influenciado negativamente pelas adversidades climáticas. A ausência de luz não era lá um grande problema, uma vez que estes pequenos besouros portáteis estão por todos os lados, seja nas mãos de quem os usa ou nos neurônios de quem por eles é usado. A chuva e a neblina, por outro lado, impossibilitavam a locomoção do trem, que até aquele momento ainda não havia chegado.

Era comum em dias assim, com fortes chuvas e vendavais, alguma árvore ou tronco podre cair nos trilhos, forçando a existência de algum obstáculo, sendo, então, interceptado pelo pequeno carro que ia logo à frente do trem. Quando havia

neblina, no entanto, especialmente sendo densa, como nesse dia em questão, o trem não transitava, pois havia a possibilidade de algum objeto ou animal obstruir o caminho precisamente no intervalo de tempo entre a passagem do carro de manutenção e a chegada do trem. Era um risco matematicamente pouco provável, dado a pouca distância entre ambos os veículos. Não obstante, optavam por não o correr.

Com relação à estação férrea de Chandelle, digamos que ela era tal qual a cidade, pequena e simples, embora carregasse diversos aspectos dignos de atenção. Fora construída pouco tempo depois do cinquentenário municipal, em 7 de setembro de 1918. Por determinação do prefeito que ocupava o posto na época, ela foi estabelecida na área leste, fazendo contraposição à prefeitura, que estava situada do lado oeste. Mesmo depois de construída, a estação ainda passou por diversas reformas ao longo dos anos. Sua aparência mudou drasticamente, principalmente se colocarmos lado a lado aquela que se vê hoje e a versão inicial. É como comparar uma capela a uma catedral. Apesar disso, alguns detalhes originais permaneceram inalterados. Para fins de registro e elucidação do leitor, vamos descrevê-los com precisão.

O primeiro detalhe digno de nota são os desenhos de cachos de uva que haviam sido esculpidos em cada uma das colunas da estação, carregando uma importante referência ao principal negócio da província. São desenhos magníficos, trabalhados com enorme esmero e minúcia, hoje já com a marca do tempo, é claro.

Os outros detalhes são mais sutis e exigem um pouco mais de exame para serem percebidos. Para a iluminação do local, distribuída por meio de postes a intervalos regulares, são

utilizadas lâmpadas incandescentes, de cor amarela, o que não raro causa um inconveniente, pois quando superaquecem, se apagam. O piso da estação é desde então composto de gigantescas pedras de arenito vermelho, colocadas de maneira maestral, de modo que formam grandes desenhos indescritíveis, porém majestosos para a mente contemplativa. A madeira utilizada na estrutura do telhado, bem como nos pilares interiores, é — e sempre foi — a grápia.

Embora tudo isso pareça não ter a menor importância, assim como pensava a maioria esmagadora dos transeuntes — talvez até correndo risco de alienar o leitor deste livro —, era algo que despertava o interesse de Olga, que estava presente na estação nesse dia fatal.

Olga estava sentada em um banco, na parte externa da estação, quando ecoara o aviso de que o trem seria adiado. Quem quer que a visse naquele momento não imaginaria o turbilhão de pensamentos que perpassava a sua mente.

Já adiantaremos ao leitor que não iremos nos aprofundar nos aspectos externos dessa personagem. Ela é o núcleo da nossa história, e como todo núcleo, deve ser vista pelo interior. Por ora, a fim de delinear apenas uma das múltiplas facetas presentes nesse ser, vamos nos limitar ao essencial. Conhecer o universo, principalmente aquele presente dentro do humano, é uma tarefa que se realiza aos poucos, a passos comedidos, para que assim o sabor da singularidade se propague lentamente no coração daquele que ausculta.

Aparte dos pensamentos, Olga analisava o ambiente de maneira meticulosa, como se estivesse criando uma réplica mental de toda a estrutura. Era uma particularidade bastante singular, digna de admiração, porém pouco compreendida pelas

demais pessoas. “Talvez esteja planejando um roubo”, pensava alguém, “mas roubar o quê?” “Certamente é louca”, pensava uma outra pessoa. Em um grupo de rapazes, um pouco mais distante, diziam “Vejam aquela mulher, passando a mão pela parede, pelas janelas. Que coisa esquisita! Parece estar delirando.”

Olga de fato delirava. Mas era um delírio excelso, uma divagação nas mais longínquas linhas da compreensão humana, uma sorte de flashback imaginativo, onde o objeto da recordação é pura e totalmente construído na mente do observador. Essa espécie de devaneio, onde flutua-se livremente no reino das plumas, à revelia de tudo e de todos, era um traço característico dela. Não raro os resquícios de suas contemplações, fluindo pelo rio do imaginativo, desembocavam no grande mar do infinito — seus devaneios.

Quanto à nossa sociedade contemporânea, não é preciso dizer muito. Qualquer um que não esteja iluminado pela luz da própria sombra, isto é, que não faça parte da peça teatral que observa, é capaz de enxergar com facilidade esses absurdos normalizados. Amiúde julga-se o caráter e a sanidade mental das pessoas tendo como base apenas os aspectos externos — ou antes, conjecturas feitas a partir da própria percepção dos aspectos externos de outra pessoa. Em verdade, a superfície pouco diz sobre a fertilidade do solo. Se quisermos produzir frutos, é preciso conhecer o terreno profundamente.

II. UM ENCONTRO INUSITADO

PASSARAM-SE DUAS HORAS desde o aviso da postergação do trem. Naturalmente, as pessoas começaram a reclamar da

demora e dirigiram-se em massa às bilheterias, alguns exigindo uma explicação, outros apenas o reembolso da passagem. É importante pontuar que, desde a queda da energia, a estação encontrava-se quase por completo no escuro, sendo apenas iluminada pelas poucas lanternas de alguns celulares. Com o tempo, também essa fonte de luz foi diminuindo. Aquilo que antes poder-se-ia chamar de constelação de estrelas, agora era apenas um grupo de quatro ou cinco vaga-lumes.

A chuva já havia parado. A neblina, por outro lado, ainda se mantinha na mesma intensidade.

Era um dia melancólico.

Olga continuava perdida em seus devaneios, embora tivesse no fundo da alma uma preocupação latente. Fitava o branco horizonte com tamanha serenidade que um observador ordinário seria incapaz de compreender a grandeza dessas ocasiões. Com efeito, só quem experimenta esse tipo de contemplação é capaz de enxergar o infinito onde para muitos não há nada. Ou, como disse Machado de Assis, "*O melhor drama está no espectador e não no palco*".[2]

Passado um quarto de hora, Olga levantou-se. Permaneceu alguns segundos em pé, imóvel, como alguém que hesita entre ir e ficar. Na sequência, pôs-se a caminhar por entre a neblina, sem rumo, sem expectativa.

Desceu a escadaria da estação como se descesse do topo de uma nuvem ao seio da terra. Ouvia o som dos próprios passos alastrando-se pela vastidão do imenso, de modo que pareciam a mais original sinfonia já criada pela e para a natureza. Era como se o acaso, em perfeita sintonia com o estado de espírito daquela

[2] *A chinela turca* (1875).

alma, estivesse traçando o caminho para um mundo inatingível à compreensão ordinária.

De certa forma, foi exatamente isso o que aconteceu.

Conforme ela andava em frente, a escadaria ia desaparecendo entre o nevoeiro, de sorte que, após alguns poucos passos, ela encontrava-se circundada apenas pelo branco opaco e espesso da neblina. Tudo o que ela via ao redor de si era um limbo total. No interior daquela vasta nuvem rasteira, sentiu uma sensação própria do nada, que, ao mesmo tempo, amedronta e apazigua.

Em dado momento, após uma longa caminhada, já estando bastante longe da estação, ela avistou no horizonte, encoberta pela névoa, uma gigantesca árvore desfolhada. Achegando-se a ela, pôde distingui-la: era um majestoso olmo. Seus galhos moviam-se lentamente, conforme o vaivém do vento. Logo abaixo, havia um banco de madeira, bastante velho e carcomido, tomado pelo musgo. De pouco em pouco, algumas gotas d’água caíam como balas de chumbo dos galhos da árvore, fazendo com que o assento do banco, já úmido, ficasse ainda mais molhado.

Olga não se importou; sentou-se de frente para o olmo e pôs-se a observá-lo. Poucas vezes na vida tivera a oportunidade de ver uma árvore dessas desfolhada. Para alguns, a aparência que ela assume é amedrontadora, lúgubre, sinistra. Olga não partilhava dessa opinião. Embora fosse atraída a tudo o que é melancólico, amava as coisas igualmente: o belo, o horripilante, o trivial, o extravagante, o sublime, o pavoroso, o disforme, o gracioso, a luz, a escuridão etc. etc.

Enquanto ela mergulhava na contemplação daquela árvore, arte que funcionava como força motriz em sua vida, um homem de estatura mediana, delgado, de boa postura, vestido de

maneira despojada, porém elegante, sentou-se ao lado dela. Dos traços marcantes que eram possíveis de serem notados nele, estavam seus óculos azuis, de armação de metálica e formato redondo, e seu cavanhaque volumoso, em desenho de âncora, que era altamente enfatizado pelo fato de seu cabelo ser extremamente curto, quase raspado. A boa aparência e o modo de se portar conferiam-lhe um aspecto de grandeza e um quê de seriedade. Quem quer que o visse, provavelmente julgá-lo-ia por um intelectual, um sujeito culto, moderado e, talvez, alheio à vida caótica dos dias hodiernos.

Olga nada havia percebido.

Alguns segundos se passaram. O homem, olhando para o mesmo ponto do olmo em que Olga havia fixado seus olhos, respirou profundamente e proferiu as seguintes palavras:

— De tirar o fôlego, pois não?

Olga estremeceu. Um terrível arrepio percorreu-a dos pés à cabeça, fazendo com que ficasse petrificada por alguns instantes na mesma posição em que estivera até então, ainda com os olhos fixos no grande olmo. Estes breves segundos entre a fala do homem e o momento em que ela enfim conseguiu se virar para ele pareceram-lhe séculos infindáveis.

— Perdão, quem é o senhor? — balbuciou ela, ainda meio desorientada pela repentina quebra de concentração.

— Isso não vem ao caso — replicou o homem.

— Ora, por que não?

— Minha identidade não tem pertinência alguma. Tenhais-me apenas como um transeunte em vossa vida — fez uma breve pausa retórica e continuou. — O propósito da minha vinda é o que realmente importa.

— E qual é o propósito? — indagou ela, com um ar de curiosidade.

— Em breve sabereis.

— Perdão, eu não estou entendendo.

— Pois entendereis.

— De que modo? — perguntou Olga, deixando escapar uma sutil risada de indignação.

— Acreditai, tomando ciência do assunto.

Olga, estupefata com o que acabara de ouvir, olhou de maneira confusa para ele. Era-lhe estranho ouvir alguém falar de modo tão incógnito e enigmático. O homem então levantou-se e, antes de partir, voltou-se para ela e disse:

— O nevoeiro. O branco maciço e exuberante que nos rodeia neste momento; amostra do infinito, sabor tímido do eterno. O silêncio. A inexistência de qualquer barulho que poderia vir a nos distrair e, em última instância, povoar nossos pensamentos, afastando as nossas quimeras, perturbando os nossos sonhos. O vazio. A simplicidade do ambiente, a profundidade dos detalhes, a pluralidade das possibilidades de perspectiva. De tirar o fôlego, pois não?

Olga acenou timidamente com a cabeça. O que ele dissera exprimia perfeitamente o seu estado de espírito naquele momento.

— Nos veremos em breve, Olga — finalizou ele, na sequência virando-se e caminhando em qualquer direção, desaparecendo lentamente no nevoeiro.

Matutando sobre o que o homem acabara de dizer, Olga deu pouca importância ao fato de ele saber o seu nome, sem que ela o tivesse dito.

LIVRO II
OS EVENTOS SUBSEQUENTES

I. NO ESCRITÓRIO

O RELÓGIO MARCAVA uma hora da tarde. Olga recém havia chegado em frente ao prédio onde trabalhava. Logo à entrada, no entanto, deparou-se com um segurança da empresa, que, aparentemente, aguardava precisamente por ela.

Por um breve instante, questionou-se mentalmente sobre aquela estranha recepção. Nunca antes vira alguém, com exceção de executivos, ser recebido de tal modo. Uma certa inquietação começou a beliscá-la. Olhou nos arredores para ter certeza de que o segurança não se dirigia a alguém que ali pudesse estar. Nada. Ninguém além de transeuntes que passavam pela praça em frente ao prédio.

Ao aproximar-se da enorme porta rotativa, viu o segurança entrar em sua frente, barrando o caminho.

— Venha comigo, *mademoiselle* — disse ele. — O senhor Meyer lhe aguarda.

Essa intervenção, especialmente esse *mademoiselle*, já politicamente incorreto na época, soou a ela tão estranho quanto possível. Aparentava carregar um quê de cortesia forçada.

A preocupação que lhe voltava à mente nesse momento era a mesma que tivera na estação de trem, poucas horas antes, embora, como dissemos, estivesse oculta no subsolo de sua alma. A empresa na qual Olga trabalhava era bastante rigorosa quanto a atrasos. Assim que soubera da postergação do trem, Olga já pudera imaginar o desfecho desse dia fatal. Ironicamente falando, um evento *dessa magnitude* certamente não passaria despercebido.

Ela tomara o trem do meio-dia, que na verdade passa às doze e meia em Chandelle. Entre o tempo de embarque e o percurso,

vão-se vinte minutos. Chegou a Malbec por volta das doze e cinquenta.

O escritório em que ela trabalhava estava situado em um enorme edifício de vinte e seis andares, onde o traço mais belo, consoante os parâmetros da *societatis hodiernae*[1], era a fachada de vidro. Assim como a maioria das construções modernas, que optam pelo frágil em detrimento do robusto, a estrutura carecia de originalidade. Era como se um gigantesco cubo de vidro, simétrico e uniforme, houvesse sido colocado ali, em meio a outros. Não é possível visualizar essa imagem sem fazer a analogia de um container em um navio cargueiro, que é colocado entre seus semelhantes, de forma ordenada, linear. Eis aqui, em dois exemplos banais, um autêntico retrato do mundo pós-moderno, tanto em termos de estrutura quanto psicologicamente.

Foi tendo este último pensamento que Olga deixou-se ser guiada pelo segurança, que a acompanhou até o elevador. Durante o percurso, Olga, um espírito ativo, que faz da contemplação seu passatempo e do infinito seu objetivo, não pôde deixar de analisá-lo. Era um homem alto e bastante forte, traços normalmente desejados em um profissional dessa área. Tinha barba rala e cabelo curto. Seu rosto era, além disso, bastante carnudo, o que lhe conferia um aspecto singular. Trajava um uniforme padrão da empresa para esse tipo de função, composto por uma calça preta, nem muito ajustada nem muito folgada, uma camisa social azul claro, sem listras nem detalhes, uma bota preta de cano alto e uma gravata listrada, com dois tons de amarelo queimado. Olga notou também que na

---

[1] “Sociedade contemporânea”, em latim.

manga esquerda da camisa, na altura do cotovelo, havia um pequeno remendo. Era um detalhe quase imperceptível, dado que o tecido tinha a mesma tonalidade da camisa.

Ao chegarem no elevador, o segurança pôs-se ao lado da porta, indicando com a mão para que Olga entrasse. Ela, com uma pequena inclinação de cabeça, em tom de reverência, despediu-se dele.

Dentro do elevador havia um operador, vestido com um uniforme vermelho escuro e detalhes amarelos. Utilizava um chapéu redondo que, segundo relatos de alguns, era demasiado justo e apertado. Olga não precisou sequer dizer aonde ia, uma vez que o operador, logo após ela ter entrado, fechou as portas e selecionou o décimo terceiro andar, local onde estavam situadas as salas da direção.

Mais uma vez, assim como o remorso que se agita na mente do culpado, *aquele* pensamento latejou fortemente no interior do cérebro de Olga.

À medida que o elevador subia, Olga ia ficando cada vez mais ansiosa. Não podia deixar de imaginar os milhares de desfechos possíveis. Um leve tremor acometeu repentinamente suas pernas, seguido por uma extrema sensação de vertigem. Uma espécie de formigamento na sequência tomou conta de sua língua, aumentando, por algum motivo, a produção de saliva. Nesse ponto, suas mãos já não respondiam mais aos comandos, e tremiam incessantemente.

Foi então que ela tornou a pensar naquilo que o desconhecido de cavanhaque dissera a ela mais cedo. De alguma forma, aquela figura representava um não sei quê de estabilidade, contrastando fortemente com as turbulências do momento presente. Ele fora tão suscinto e misterioso, duas

coisas que raramente vemos hoje em dia. Surgira tão subitamente e, do mesmo modo, partira rapidamente. Quem era ele? O que seria o tal “propósito” de sua vinda? Retornaria? Quando? Como a encontraria novamente? Para todas essas perguntas, Olga não tinha resposta.

Como que sugada bruscamente de um sono profundo, Olga foi interrompida de seus pensamentos pelo anúncio do sistema do elevador: “Décimo terceiro andar”. Ela já não suportava mais ouvir por todos os lados essas vozes robóticas, mas teve de aturar. As portas já estavam abertas, e o operador, com ambas as mãos atrás das costas, olhava fixamente para ela, como se já aguardasse há um longo tempo a sua saída. Desorientada pela repentina quebra de concentração, ela esqueceu-se completamente de agradecê-lo. Com dois longos passos, alcançou o corredor.

O silêncio do local era absoluto.

À medida em que ela avançava, uma melodia clássica começava a ser ouvida. Substituía de maneira sutil e harmônica o silêncio que no início fora dominante. Era a primeira vez que Olga se encontrava naquele andar, então procurou observar o máximo de detalhes possíveis. Foram bons cinco minutos para que ela percorresse o trajeto do corredor, de uma extremidade à outra.

Certamente tiveram muitos outros acontecimentos menores até que ela se encontrasse com o senhor Meyer. Porém, para poupar o leitor destes pormenores, que não carregam grande importância na nossa história, iremos nos limitar ao essencial.

O diretor executivo da empresa de contabilidade Maggiore chamava-se Victor Henry Meyer. Tinha cinquenta e dois anos. Era formado em administração e economia, e dirigia a empresa

há oito anos. Era um homem altamente respeitado, tanto dentro da empresa quanto na cidade de Malbec. No que concerne ao caráter deste indivíduo, digamos que ele era como um bote à deriva, sempre pendendo para o lado que as ondas o levavam. Surpreendentemente, e de modo não tão semelhante à natureza, as ondas que o carregavam eram sempre favoráveis. O leitor astuto bem sabe a que isso cheira.

Quando o senhor Meyer se liberou da reunião em que estava, solicitou à recepcionista que acompanhasse Olga até a sua sala. Ela assim o fez; conduziu a *senhorita* Olga à sala do diretor executivo.

Pouco mais de duas horas se passaram. A recepcionista estava no telefone quando Olga passou, agora em direção ao elevador.

Nunca se soube exatamente o que o senhor Meyer disse a ela, porém seu semblante cabisbaixo revelava o desfecho: fora demitida. Não há sequer um ser no mundo que, recebendo tal notícia, permaneça tranquilo ou, ao menos, indiferente. Olga era dura na queda, mas não resistiu a esse forte golpe da fatalidade.

Entrando no elevador, pediu ao operador que a levasse ao sexto andar, local onde até então trabalhara. Embora fossem apenas sete andares a descer, o trajeto pareceu-lhe uma eternidade. Os piores pensamentos vieram-lhe à mente nesse curto, porém longo, período. O que faria agora? Para onde iria? Como voltar a Chandelle, uma vez que, demitida, não teria mais acesso ao trem gratuitamente? Não tinha dinheiro consigo. Tampouco tinha um celular. E mesmo que tivesse, para quem ligar? Não tinha ninguém.

Assim é a vida. Podemos estar no topo de uma montanha, apreciando a paisagem serenamente, com borboletas coloridas

ao nosso redor, e, cinco minutos mais tarde, encontrarmo-nos nas profundezas de um abismo, na escuridão, no frio, acorrentados a uma pedra, sem qualquer expectativa de ver novamente a luz do dia.

Ao chegarem no sexto andar, Olga desembarcou do elevador e foi direto à sua antiga estação de trabalho, não sem antes pedir ao operador que a aguardasse, posto que não demoraria muito. Rapidamente, varreu todos os seus pertences que ali estavam. Despediu-se dos colegas e retornou ao elevador, carregando, em uma sacola de papel acartonado, um livro que recebera de seu avô pouco antes de ele falecer, alguns itens de higiene bucal e um pequeno arranjo de jasmim, em um vaso de cerâmica.

Eis um fato doloroso. Não demorou até que as portas do elevador se fechassem para que todos os colegas de longa data que Olga tivera se esquecessem por completo dela.

Embora tudo isso — a demissão repentina de Olga, por um simples atraso não intencional; a estranha recepção que ela tivera e a maneira cortês com que fora tratada; o modo como ela fora rapidamente esquecida pelos colegas, mesmo após tudo o que fizera por eles ao longo dos últimos anos — deva parecer ao leitor um completo absurdo, uma grande peça teatral, um show de marmotas, afirmamos: é a realidade nua e crua.

II. DE QUE SÃO FEITAS AS ALMAS SUBLIMES

COMO DISSEMOS, nunca se soube o que o senhor Meyer disse a Olga. No entanto, um fato que omitimos, e que talvez tenha relevância, embora, caso tenha, revela uma profunda entidade opressiva, eram as múltiplas críticas que Olga vinha fazendo ao modo como a empresa era governada — ou antes,

desgovernada. É ao menos questionável que, tendo essa situação pungente a resolver, e na posse de uma cortina de fumaça, isto é, o atraso de Olga, a direção tenha tomado a atitude que qualquer tirano, ao ver-se ameaçado, tomaria. Se isso viesse a se provar verdade, então essa ousadia de Olga, a coragem que tivera ao enfrentar a autoridade, questionando as decisões imprudentes e mal mesuradas, custou a ela o seu emprego.

Assim é a vida, rabiscando suas linhas ao acaso. Olga, por infortúnio, encontrava-se precisamente no caminho de um desses traços fatais esboçados pelo destino. Acabamos de ver o vendaval; ele passou. Porém a tempestade ainda está por vir.

Olga saiu do escritório da mesma maneira que um homem ébrio sai da taverna. Deambulou pelas ruas e becos mais desabitados de Malbec, notando, aqui e ali, alguns detalhes que momentaneamente interessavam a seu olhar.

Como o leitor se lembra, Olga tinha essa característica de analisar qualquer ambiente pelo qual ela passava nos mínimos e mais ínfimos detalhes. Por estar imersa em seus pensamentos, de modo que ainda nem se conscientizara por completo da saída do escritório, nem tampouco do trajeto que havia percorrido, seu senso crítico fora adaptado para atentar-se apenas ao essencial.

Assim como diria mais tarde, Olga não se lembrava das ruas que tomara naquela ocasião, mas lembrava-se de alguns pormenores avistados ao longo do caminho, bem como o encontro que tivera com um sujeito que posteriormente seria “a chave” para desvendar um grande enigma. Talvez ela não o soubesse então, mas fora precisamente essa inconsciência que

a permitiria guardar por tanto tempo essas informações não úteis ao cérebro.

No beco La Bouteille — que tinha efetivamente o formato de uma garrafa de vinho —, onde hoje encontra-se o café Bourbon, pequeno estabelecimento mantido pelo senhor Henri Bourbon, outrora era apenas um espaço vazio, medonho e escuro, fechado pelo lado de dentro com tapumes velhos e carcomidos, que não iam até o teto, deixando uma abertura de aproximadamente um palmo e meio, o que possibilitava a qualquer passante ver o teto mofado e descascado do local.

Em frente a essa espelunca, Olga avistou dois homens, ambos encostados no muro, um de frente para o outro, conversando sobre algo a meia voz. O que chamou a atenção dela, muito mais do que aquela habitação insalubre, foi a aparência de um deles. O sujeito era singular. Usava um suéter marrom escuro, como a cor da terra quando levemente umedecida pelo chuvisco de outono; tinha a manga do braço direito arregaçada dois palmos acima do punho, enquanto a outra cobria o braço inteiro. Aqui e ali, viam-se alguns furos e remendos, principalmente na parte que cobria as costas. Trajava uma calça cinza com faixas reflexivas, dessas que usam os eletricistas e mecânicos. À cabeça, usava um desses gorros de caçador, que tampa as duas laterais da cabeça. Um de seus olhos estava entreaberto, semicerrado, e o outro totalmente arregalado. Aos pés, coturnos grosseiros, pretos, onde, de um deles, saía o dedão do pé. Como ele fora capaz de furar um coturno daquele porte, esse era um grande mistério. Infelizmente, é precisamente na miséria que os infortúnios se intensificam.

Quando Olga estava passando pelos homens, este de suéter marrom, sobre o qual acabamos de falar, rapidamente tirou do bolso algo que se assemelhava a uma bússola, embora não fosse possível afirmar, pois o vidro que deixaria ver o interior do objeto estava completamente trincado. Num átimo, ele aproximou-se de Olga e, com uma espécie de entusiasmo rouco, exclamou:

— Com licença, *senhorita*.

Ao rugir dessas primeiras palavras, Olga imaginou estar sendo abordada por um abutre. Sentiu um horripilante odor de carcaça, uma mistura de álcool, sebo e carne podre, que mais parecia partir das entranhas da terra que da boca daquele homem. Ele prosseguiu.

— Me chamo Bastien. Aquele é meu colega Armand — e apontou para o outro homem, que permanecia imóvel. — Nós somos vendedores de artefatos. A senhorita pode estar se perguntando por que estamos aqui, em um beco como este, no meio do nada. Ocorre que, em virtude da constante decadência desse mercado, nós tivemos de fechar a nossa loja. As despesas eram muito altas; o lucro, muito baixo. Agora tornamo-nos vendedores ambulantes. Eu sei, é lastimável. Quase não vendemos nessas condições. Há uma certa corrente que põe em dúvida a credibilidade dos mercadores não formais, e isso nos afeta muito.

Enquanto ouvia o homem, Olga olhou para a outra ponta do beco, não muito longe dali, onde podia-se entrever uma placa razoavelmente grande, colada no mesmo muro em que Armand continuava encostado. Nela, era possível ler o seguinte:

> *IL EST INTERDIT DE FAIRE DU COMMERCE AMBULANT DANS CETTE COMMUNE SANS AUTORISATION*.[2]

Pelo visto, ela não era a única ali a bater de frente com a autoridade. Nesse quesito, sentiu uma certa semelhança com Bastien, mesmo uma empatia.

— Então — questionou Bastien —, a senhorita porventura gostaria de nos ajudar, comprando uma de nossas relíquias?

Ele então esticou a mão na direção dela, exibindo o objeto que há pouco tirara do bolso. Olga passou os olhos pelo objeto e, não sendo capaz de identificá-lo, perguntou:

— O que é isso?

— É uma bússola de ouro do antigo Reino da Prússia, que pertenceu ao rei Frederico II. Eu a vendo para a senhorita por somente cinco euros.

— Ela está quebrada — replicou Olga de maneira assertiva.

Bastien, com a hábil arte inata de um vendedor, respondeu em um tom quase filosófico:

— O tempo dilacera a matéria.

— Eu agradeço, mas não tenho dinheiro.

Era verdade, ela não tinha dinheiro consigo. Tanto que não fora capaz de pegar o trem. O rosto do homem rapidamente tornou-se sombrio.

— Ah, sim — disse ele de modo desconcertado. — A senhorita não tem dinheiro. Não que não queira nos ajudar, é que não tem dinheiro consigo.

— Exatamente — reforçou ela.

---

[2] Uma tradução equivalente e fidedigna seria: “Proibido comércio ambulante neste município sem alvará”.

— Pois bem — disse ele, metendo a bússola novamente no bolso da calça e ajeitando sua postura —, talvez em outro momento. Eu guardarei essa bússola especialmente para você. Não irei vendê-la a ninguém mais.

(Na verdade, após essa ocasião, ele ainda tentou vender a bússola para diversas outras pessoas, porém ninguém comprou.)

— Está bem — pontuou Olga. — Se eu o vir novamente, prometo que compro a sua bússola.

— Minha não, de Frederico II, o Grande!

— É claro que sim.

Coisa magnífica da linguagem humana! Esta última frase de Olga, embora aparentemente carregasse um leve tom de ironia, foi por ela proferida com o intuito de dar credibilidade ao que o homem acabava de dizer, apesar de ela própria, em seu íntimo, saber que aquele objeto não pertencera de fato a Frederico II. Se a bússola fosse verídica, e o homem estivesse em posse dela, não seria comercializada por somente cinco euros. O sujeito obviamente tentava ludibriá-la com uma história fajuta.

Antes de partir, Olga perguntou ao homem onde ele morava. Bastien respondeu com um gesto, indicando o espaço logo em frente. Aquele covil que ela antes contemplara era a moradia do infeliz. Um súbito sentimento de vertigem novamente apossou-se dela. Sentia-se mal por não poder comprar naquele momento a bússola que o homem lhe propusera. Queria ajudá-lo de qualquer forma. Mas como? Não tinha nada, exceto... Foi então que ela teve uma ideia. Deixou em frente à “porta” — que também era um tapume, diferenciado dos demais apenas por um pedaço de corda que

servia de maçaneta — a sacola de pertences que trazia consigo, com os itens já mencionados anteriormente, inclusive o livro que recebera de seu avô. Se houvera algo que aprendera com o pai de seu pai, fora a não criar vínculos com as coisas materiais.

Após essa inesperada abordagem, Olga seguiu seu caminho, errando pelas ruas de Malbec. Quanto ao homem, não queremos nos precipitar. Tornaremos a vê-lo.

III. COMO, SAINDO DOS SUBÚRBIOS, OLGA CONSEGUIU RETORNAR A CHANDELLE

NO TRECHO QUE CONECTA as ruas Des Escargots e Nature, no bairro Blanc de Noir, há uma trilha estreita que começa logo à lateral de um casarão de pedra — abandonado há muitas décadas — e que segue por todo o perímetro do grande lago da cidade, corta parcialmente os bairros La Fourmi e Vallée des Pommes, terminando em um pequeno bosque do acesso nordeste de Malbec.

Provavelmente Olga utilizou-se dessa trilha para ir em direção a Chandelle.

IV. DIAS CHUVOSOS

OS DIAS QUE SE SUCEDERAM ao último evento foram bastante semelhantes. Carregaram em sua aparência um profundo quê de melancolia, arrastado principalmente pelo teor das condições climáticas. A chuva de inverno, tão frequente na primeira quinzena de janeiro, era um quadro já conhecido da região de Chandelle. A alta umidade atmosférica e a brevidade dos dias também contribuíam ligeiramente para a construção desse

cenário sorumbático. O passante que, caminhando por uma rua qualquer, se atrevesse a olhar diretamente dentro de uma poça d’água, logo receberia em retorno o sopro feroz e amargo de uma cidade fantasma.

Chandelle, logo após a partida do outono, era nada menos que isso: uma localidade sem vida, sem alma, sem vegetação, tomada pela brancura da neblina e pela dilacerante lâmina do frio, que, em conjunto, não apenas retraem, mas também soterram, em um só buraco, tudo o que dentro do humano se alicerça na esperança.

Em lugar inexato, a partir de uma trapeira qualquer, Olga observava o cair da chuva. De sua mansarda alugada, pequena, porém habitável, a vista dos arredores era o maior benefício. O cômodo fazia parte de uma casa antiga, bastante bela e robusta, trabalhada nos mínimos detalhes. A princípio, Olga alugara esse espaço levada principalmente pelo conjunto de particularidades presente na estrutura da edificação. Conscientemente, ela não podia nomeá-las; mas, de alguma forma, regida por suas próprias singularidades, norteada por uma bússola puramente interior, ela as enxergava, e por isso escolhera esse lugar. Desde então, olhar por através daquela janela, apoiada no peitoril, sob a ótica de um vidro quase sempre embaçado, havia sido um de seus mais valiosos passatempos.

V. A TRILHA

OITO DIAS SE PASSARAM. Na manhã seguinte, nono dia após o *aquele* episódio, o sol mostrou-se radiante. As nuvens haviam partido, a neblina havia se dissipado. Contrariando a constante do clima estabelecido, por nós há pouco apresentado, a chuva

ofereceu um momento de suspiro. Dias assim não eram frequentes, principalmente nessa época do ano. Instalava-se ali um verdadeiro dia atípico.

Para o lado oeste de Chandelle, Olga ia. Por entre plátanos e videiras, escalou uma íngreme montanha, onde a terra ainda úmida gracejava com seu aroma singular. Um capim seco e alaranjado, entremeado a um mato verde rasteiro, preenchia o solo desse terreno acidentado.

Engana-se quem imagina um trajeto linear. O golpe mais conclusivo que era desferido por essas montanhas estava precisamente em sua inconstância: elevação aqui, plaino ali, subida acolá. O erro do aventureiro é diminuir o peso dos trechos horizontais, quando, em verdade, são eles os verdadeiros desafios. Em outros termos, a dificuldade não está propriamente em alcançar o *sommet*, mas em vencer o *plateau*[3].

Olga conhecia bem a área, e, portanto, não subestimava a potência destes elementos. Logo naquela manhã, antes de sair de casa, preparara-se física e psicologicamente, definindo, além disso, uma rota estratégica, não menos difícil, porém um tanto mais previsível e estável, considerando as possíveis armadilhas engendradas nos dias precedentes.

Até um certo ponto, as parreiras acompanhavam a nivelação do terreno. Quando esta se tornava demasiado inclinada, a plantação e cultivo já não eram possíveis. Foi nesse limite que Olga parou para descansar.

Com base na altura do sol, devia ser em torno de dez horas da manhã. Ela ainda nem havia adentrado a mata fechada, mas os mosquitos já a devoravam. Quando chegou ao trecho que

---

[3] Respectivamente, cume e platô.

conectava a área verde às terras coloniais, teve de cruzar uma extensa cerca de arame farpado, cerca esta que por ela já havia sido ultrapassada dezenas de vezes no passado.

Cruzou a floresta sem dificuldade. Ao final da travessia, chegou a um pequeno terreno de vegetação rasteira, que cobria toda a extensão superior da montanha.

Para o leitor que deseja visualizar esse cenário com maior precisão, que se imagine, sob uma perspectiva lateral do terreno, um triângulo retângulo, que inicia exatamente naquela cerca há pouco por nós mencionada. Essa subida até o topo da montanha mede aproximadamente 817 metros, e termina em um enorme paredão, com queda direta até o terreno mais próximo. A elevação de subida, embora não seja constante, gira em torno de 26 graus. Enquanto a floresta cobre cerca de 60% da nossa hipotenusa hipotética, o resto da área está livre para a tal vegetação rasteira.

Ali chegando, a primeira coisa que Olga fez foi correr pelo prado tal qual uma criança. Movia os braços como o bater de asas de uma borboleta, lenta e calmamente. Era algo majestoso de se ver. Seu corpo inteiro parecia dançar as harmonias de um plano incógnito, de um tempo distinto.

Assim permaneceu por muito tempo, imersa nessa dança que a natureza eventualmente tomou parte. As árvores, os arbustos, o capim, os pássaros, o vento, tudo se pôs a engendrar uma sinfonia para complementar a graça exalada por aquela alma. Se alguém a visse naquele momento, certamente suporia estar em presença de um anjo, personificado sob a figura de uma mulher. Aquela pequena criatura, tão atormentada por seus questionamentos e inquietudes — embora disso aquele que nos lê ainda não tenha conhecimento —, agora estava tendo um

momento de trégua. A verdade é que a plenitude se encontra justamente aí, nesse conjunto de dificuldades, dores, incertezas, dilemas e abismos. Um ser que vive unicamente de desejos contemplados, que se nega a olhar profundamente dentro própria alma e revirar a densa lama ali presente, não pode, efetivamente, ser feliz.

VI. PÔR DO SOL

O DIA CAÍA LENTAMENTE. As nuvens estavam dispersas, parecendo pequenos tufos de algodão, e cobriam o horizonte aqui e ali. No longe, o sol poente arriscava esboçar seus últimos raios flamejantes, tocando de leve as nuvens superiores. O céu, na ocasião, carregava uma formosa coloração, que partia de uma paleta rosada e alcançava suavemente o amarelo. Sentia-se no ar aquele perfume doce, tão profundamente relativo a cada observador, que remonta aos tempos de infância e pinta na memória uma espécie de nostalgia vibrante, sentimento que nos faz flutuar momentaneamente.

Este efeito magnífico, espetáculo da terra, durou não mais que alguns minutos; logo foi substituído pelo escuro e estrelado céu da noite.

A escuridão já reinava na rua quando finalmente a luz dos postes acendeu-se. Olga contemplava tudo isso que até então descrevemos ainda do topo da montanha. Observava a cidade sendo sistematicamente iluminada, agora a partir de uma perspectiva diferente, nunca antes por ela vista.

Súbito sentiu um aperto no coração. Todas aquelas majestosas formas e pinturas que se projetaram diante de seus olhos há menos de uma hora já lhe voltavam sob a imagem de

um tempo distante. Esse sopro de lembrança, sentimento ímpar, foi, a cada pulso do coração, sendo lentamente propagado dentro dela, buscando encontrar o assoalho de sua alma e nele talvez lançar uma semente.

Concomitante a isso, ela observava o cair da noite com profundo apreço, desenhando em sua memória, com esmero, o quadro de mais um dia que chegava ao fim.

VII. TEMPESTADE A GALOPE

OLGA AINDA PERMANECEU naquele estado de contemplação umas boas duas horas. Já era noite fechada quando ela voltou a si.

O céu estrelado da ocasião, em conjunto com todos aqueles sentimentos que perpassavam a mente dela, produzia um efeito singular de desnorteamento e estabilidade. Era uma sensação que convertia certeza em água, turbulência em brisa e redemoinho em direção. De fato, uma espécie de geração contraprodutiva: de uma força se forjava sua imediata oposta. Através de meios indiretos, começou a se revelar para ela, como que por algo sublime, a dualidade ambivalente das coisas.

Nesse ínterim, desde o chegar da noite até o atingir da lua no zênite, Olga adormeceu. Uma bruma leve surgiu vagarosamente por entre as árvores. Começou cobrindo a floresta, depois o prado, por último desembocando na beira da montanha e caindo como nuvens sobre as parreiras mais altas de Chandelle.

Olga sonhava que lia um livro. Era um tomo bastante longo, de umas mil e quinhentas ou mil e seiscentas páginas. Como é comum dos sonhos, o tempo parece caminhar em uma velocidade diferente, de sorte que ela rapidamente leu dezenas

de páginas. Ao chegar na segunda centena, deparou-se com algo estranho: a página em que ela estava tinha a numeração 200, porém a próxima, logo à direita, era a 437. Isso não era tudo: o conteúdo da página também não fazia sentido naquele local, uma vez que mudava completamente de contexto. Logo, não se tratava de um simples erro de numeração. Era como se, realmente, a página tivesse sido colada em ordem inapropriada. Virou a página; novamente, deparou-se com outro erro: páginas 720 e 501. Virou novamente: páginas 278 e 193. “Certamente uma impressão defeituosa”, pensou ela. Foi até a loja onde comprara o livro. Lá, encontrou inúmeros exemplares da mesma edição. Folheando-os rapidamente, notou que tinham a mesma característica. Achegou-se ao comerciante proprietário e esclareceu a situação. Na presença dele, ela abriu ambos os livros — tanto aquele que ela havia comprado quanto o da prateleira — e apontou os erros. O homem, completamente sereno e sem compreender o motivo da reclamação, disse: “Não vejo problema algum”. Ela, estupefata, enfatizou o inconveniente, argumentando que seria insuportável ler uma história procurando as páginas ao acaso ou em ordem não linear. Ele reforçou que não estava compreendendo o que ela queria dizer, que tudo estava em conformidade. Ela então exaltou-se e bradou: “Como pode não entender? O problema é evidente”. O homem foi até a prateleira e pegou uma pilha de livros distintos. Voltou para o balcão, abriu-os um a um e mostrou-os a ela. Todos compartilhavam da mesma condição, não seguiam uma ordem linear. Olga ficou sem palavras, não sabia como responder. Nunca na vida vira algo semelhante. “Isso não faz sentido”, balbuciou como que para si. “Não é preciso que faça sentido”, replicou o comerciante. Olga franziu o cenho. “Isso

não é possível”, pensou ela, “devo estar sonhando. Mas como saber se é um sonho?”. Obviamente, Olga não tinha como verificar a natureza daquela situação. Fosse sonho ou realidade, para ela, naquele instante, aparte do estranho acontecimento com o livro, tudo era verossímil. Foi então que ela teve a brilhante ideia de tentar dormir. Se estivesse dentro de um sonho, refletiu, não seria capaz de ir além, ou então seus arredores mudariam completamente, revelando sua verdadeira natureza. Porém, tão rápido quanto relâmpago, o simples fato de ela ter cogitado fazer isso desencadeou um evento um tanto estranho. O chão da livraria, que supostamente estaria firmado sobre a camada mais externa da Terra, subitamente começou a despencar, lajota por lajota, em um limbo cujo fim era tanto invisível quanto inimaginável. As estantes começaram a rachar, a tremer, e os livros caíram como tijolos no vasto e negro buraco do nada. Grave momento. “Que fazer?”, ponderou, assustada, “Ficar e pôr à prova esse questionamento ou fugir e tentar salvar-me? Porque se não for um sonho, morrerei; mas se for, e eu fugir dessa oportunidade de acordar, posso permanecer nesse mundo absurdo eternamente.” Coincidência ou não, o chão caía por todos os lados, exceto onde ela estava. Agarrou fortemente seu livro e fechou os olhos. Quando abriu-os novamente, estava acordada.

VIII. OS VAGA-LUMES OFERECEM UM CAMINHO

ACORDOU OFEGANTE. Por algum motivo, agora pareceu-lhe estranho ainda estar na montanha. Soergueu-se e permaneceu um instante refletindo. Quando percebeu que o livro que ela segurara não estava mais consigo, em vez de julgar ter saído do

sonho, cogitou a possibilidade de não ter acordado realmente, mas de ter alcançado um novo sonho. Considerou também a possibilidade de que tudo não passasse de uma grande ficção, e que sua própria vida, de certa forma, pudesse estar sendo narrada em um livro desordenado tal qual aquele que ela há pouco lera.

— Até que ponto sou capaz de suportar a falta de sentido? — sussurrou de si para si.

Inconscientemente, por um motivo que não somos capazes de explicar, a partir daquele momento, tendo como origem aquele sonho, ela começou a nutrir um certo desejo secreto por todas essas coisas incompreensíveis, absurdas, não lineares. Era óbvio que não o confessaria à própria consciência. Algo assim, aos olhos da razão, não passa de imbecilidade. Mas no fundo, naquele baú fechado a quatro chaves, esse segredo, essa sede ardente por novos episódios como aquele, inflamar-se-ia cada vez mais, dia após dia.

Voltando a si, caminhou em direção à floresta, por onde viera mais cedo.

Até adentrar na mata fechada, a lua iluminava parcialmente o terreno, facilitando a locomoção. O desafio começou quando ela chegou em um ponto onde a copa das árvores bloqueava o acesso ao céu. Era realmente impossível movimentar-se ali sem iluminação. Havia muitas pedras e troncos podres no caminho, oferecendo um real perigo de se machucar.

O ambiente estava mudo. Nada fazia barulho.

Foi então que, diante dela, próximo a um pequeno brejo, algumas luzes começaram a brilhar. Era um enxame de vinte ou trinta vaga-lumes, que subitamente surgiram sabe-se lá de onde. Moviam-se lentamente em uma determinada direção. Olga, sem

enxergar melhor alternativa, respirou profundamente e pôs-se a segui-los.

LIVRO III
OLGA

I. OS TRAÇOS DE OLGA

SERIA UMA GRAVE LACUNA neste livro se não dedicássemos ao menos alguns capítulos à exploração dos pormenores de nossa protagonista. Afinal, nosso contrato não é apenas com a verdade, mas também com a integridade dos fatos. Agora, sentimos que chegou o momento de mergulhar por completo no oceano que compõe essa subjetividade, mantendo sempre, é claro, o respeito que é digno dessa flor que desabrocha em nosso jardim.

Para aqueles que nos julgam culpados de idealizar demasiadamente uma figura por ocasião feminina, limitamo-nos a dizer que isso não é bem verdade. Pode ser uma interpretação, sim, porém jamais será a totalidade do real. Obviamente, o ser humano não é uma máquina apática, e, portanto, uma história armazenada em sua memória carrega, mesmo que em pequenas proporções, um certo viés, seja para lá ou para cá. Justificar a nossa posição chega a ser desconfortável. Além disso, não é difícil entrever a origem da desconfiança. Em um mundo desvirtuado de sensibilidade, saturado de negatividade, tomado por ódio, consumismo e objetificação, praticamente tudo o que é terno assume a forma de um ideal. Nós, enquanto observadores de uma espécie que insiste em engatar o reverso, apenas oferecemos a réplica. Se a imagem da montanha fere os olhos, a culpa não é do pintor que a esboçou, mas do aparvalhado que, não estando pronto para vê-la, diminui o valor da obra. Dito isso, prossigamos.

A bela jovem que o leitor conhece — bela porque única, única porque excêntrica —, embora dela não tenha nenhuma imagem, é particularmente singular, já o dissemos. O que ainda não dissemos, no entanto, e que, dado o andar da história, faz-

se necessário, é a filosofia de vida adotada por ela. Olga era uma pessoa extravagante. Carecia de humanidade, não em sentido estrito, mas pelo fato de não se assemelhar ao humano convencional, adepto do senso comum, que não ousa de modo algum questionar o *status quo*. Por natureza, e em aspectos externos, indubitavelmente pertencia ao gênero humano. No entanto, no que tange ao modo de agir, de pensar, de sonhar, ela simplesmente transcendia o ordinário. Já pudemos demonstrar um pouco disso.

Passava horas a fio contemplando as pequenas coisas: uma árvore que dançasse ao ritmo do vento, um pássaro que beliscasse o chão à procura de comida, um pedaço de musgo que se formasse em canto úmido da calçada, um panapaná de borboletas que batessem as asas sobre um prado cor de púrpura; um cogumelo que crescesse, uma flor que desabrochasse, uma centopeia que aparecesse, uma nuvem que se formasse. Tudo era motivo para uma longa e minuciosa apreciação. O tempo corria, mas as horas marchavam. Sessenta minutos já não eram mais três mil e seiscentos segundos. Em nenhum outro momento a dilatação temporal mostrou-se tão favorável ao ser humano quanto durante essas refeições da alma. Se há uma maneira de colocar lenha na fogueira do infinito, é provavelmente por meio desses episódios de contemplação.

Certa vez, Olga estava em uma praça, observando a disposição das alamedas, quando uma senhora, já bastante idosa e com as faces cobertas de rugas, chegou ao lado dela com uma carriola cheia de flores. Todas estavam enfeitadas e dispostas de maneira uniforme, beirando a perfeição — até, é

claro, o ponto em que o artificial pode se aproximar do perfeito. A velha senhora então perguntou a Olga:

— A senhorita gostaria de comprar um *bouquet*? São flores da melhor qualidade. Durarão semanas em um vaso d'água. Olhe! Nós tomamos o cuidado de garantir que elas não tivessem imperfeição alguma. Veja! As pétalas são todas do mesmo tamanho, e o cheiro... Ah! O cheiro delas é divino. Pegue uma, sinta o aroma.

Olga respondeu firmemente, como se sentisse no discurso da mulher uma sorte de presunção assimilatória:

— Não, obrigada. Na minha opinião, chega a ser indecente cheirar uma rosa sem deixar-se ser espetado pelos espinhos. Além disso, eu prefiro girassóis.

— Ninguém prefere girassóis — respondeu a comerciante, visivelmente inquieta. Estava claro que ela não havia entendido a mensagem de Olga.

Recebeu uma réplica mais ou menos no mesmo tom da anterior, a qual ela igualmente não compreendeu:

— É claro. Assim como ninguém prefere o sofrimento em detrimento do bem-estar.

A velha senhora pegou sua carriola e foi-se embora, resmungando entredentes:

— Gente estranha!

Além disso, Olga levava a vida como se tudo o que ela fosse, ou porventura pudesse vir a ser, estivesse precisamente ali, dentro dela, aguardando a maturidade da mente para então revelar-se aos olhos. Vivia no presente, assim como qualquer outro ser vivo, porém seus devaneios, como dissemos, perfuravam como a ponta de uma lança essa bolha que enclausura fatalmente o ser consciente, chamada: tempo.

Quando lhe perguntavam sobre o futuro, ela, que não acreditava em destino e vivia quase em um ritmo Bossa Nova, respondia sempre com a célebre sentença de Sócrates, embora em outro contexto e utilizando uma variação inglesa:

— All I know is that I know nothing.

Era uma graça ouvi-la dizer isso, pois toda vez confundia o som do “th” com o da letra “f”.

Outro ponto que devemos mencionar, já que falamos da personalidade dela, é que ela sempre foi rígida quanto às barbáries, mas volátil quanto às opiniões alheias; crítica no que tangia aos absolutismos, acolhedora no que dizia respeito às perspectivas divergentes. Amava a natureza de uma maneira admirável. Repugnava a violência, independentemente do pretexto.

De certa forma, e para finalizar essa construção inicial da imagem de Olga, diríamos que ela era a estrela da própria galáxia, o eixo da própria roda, o alicerce do próprio edifício, o órgão do próprio corpo que o sustenta.

II. A CORRENTE QUE ROMPE QUASE SEMPRE AGE COMO UM CHICOTE

ENGANA-SE QUEM IMAGINA ser fácil sustentar o peso do próprio “eu”. Não raro vemos nossas crenças, nossos valores, os princípios que optamos por adotar, irem de encontro ao nosso estado de espírito em determinado momento. Desse confronto de gigantes, podemos esperar dois resultados: se o desejo vencer — essa força que por natureza é autodestrutiva —, constitui-se então o que chamamos de hipocrisia; se o bom senso sair vitorioso, a identidade é reforçada. No entanto, nesse último

caso, os restos mortais do adversário, combustível puro, são descartados, lançados na fornalha da ira.

O problema — evidente, porém de difícil aceitação — é que todo ser consciente, ora ou outra, cederá.

Para quem?

Tanto faz.

Se não for para o desejo, em um de seus múltiplos assaltos, será para um repentino acesso de cólera. A fornalha, que por tanto tempo armazenou os resquícios de desejos vencidos, cuspirá lava, tal qual o Krakatoa em 11 de abril de 2020.

Olga, como qualquer outro ser humano, também estava suscetível a esse tipo de erupção.

Assim como fogo e água coexistem e fauna e flora prosperam em conjunto, a existência de Olga era igualmente marcada por forças ambivalentes. Alegria e tristeza, medo e coragem, calma e fúria, todas essas forças geralmente caminham com certa proximidade. Na ausência de uma, a outra instantaneamente faz seu arremate. Foi o que pensou Agostinho quando ponderou sobre a natureza do bem e do mal. Em outros termos, e de um ponto de vista um tanto mais tangível, é como o gato que, na ausência do cão, faz-se companheiro de caça.

Olga, no passado, fora uma pessoa psicologicamente influenciada pelas coisas desse mundo. Não que fosse apegada aos elementos materiais, longe disso. Mas era altamente impactada pela utilidade desses objetos palpáveis, bem como os efeitos que eles projetavam em sua vida. Ela, quando ainda adolescente, amiúde praguejava contra a maçaneta redonda, que, na visão dela, era algo contraproducente, ineficaz, uma coisa verdadeiramente nula. Nesse quesito, havemos de concordar com ela.

No entanto, assim como dissemos em outro momento, aprendera com o seu avô paterno a arte de saborear o intangível. Sempre que ela se estressava com a influência negativa desses objetos mundanos, ele a levava para algum lugar. Às vezes, esse destino era algum bosque nas redondezas de Chandelle; outras, lagos no meio da mata. Sempre faziam alguma atividade, fosse coletar cogumelos, seguir libélulas ou tentar pegar peixes com as mãos. Durante esse tempo que passavam juntos, conversavam sobre assuntos diversos. Embora muitas vezes suas conversas carregassem um teor filosófico, afastavam-se da filosofia convencional, pois não buscavam necessariamente o saber, em sentido formal. Estava mais para uma divagação filosófica.

— Olga — dizia frequentemente o velho homem, com seu sotaque italiano —, é preciso deixar este mundo antes de morrer. A beleza da vida não está no *ter* nem no *ser*, mas no *sentir*. Você sente as graves vibrações da terra sob os pés? Sente o aroma da madeira molhada penetrando as narinas? Sente o cantar dos pássaros emudecer sua voz? Sente o sutil afago do vento percorrendo a pele? Sente esse vasto azul do céu se entremear ao sangue que lentamente percorre suas veias?

Olga quase sempre respondia:

— Não.

— Pois bem — retomava o avô. — Quando for capaz de sentir, e eu sei que irá, estará apta a contemplar. Quando for capaz de contemplar, contemplar verdadeiramente, estará pronta para deixar este mundo.

Na última conversa que teve com o avô — embora então eles não soubessem que seria a última —, ela perguntou a ele:

— Vovô, o que acontecerá se eu partir sem ser capaz de verdadeiramente contemplar?

O velho homem, como todo avô que tem plena confiança em seu neto, disse:

— Você irá.

— E se eu não o fizer? — insistiu ela.

Ele então ficou um momento em silêncio. Esboçou um certo movimento de mastigar algo, embora nada tivesse no interior da boca, e, ao cabo desse ato, disse em alto e bom tom:

— Nada.

— Nada?

— Nada — reforçou ele. — Apenas terá perdido *a chance*.

Quando soube da morte do avô, Olga sentiu nada mais que a sensação de um forte soco no estômago. A dor se dissipou em poucos minutos.

Passou algum tempo sem pensar nele.

Quando, enfim, retornou a um dos bosques que costumavam frequentar juntos, a imagem do velho homem voltou-lhe à mente. Era quase como se ela sentisse a áspera e enrugada mão dele tocando a sua. Naquele momento, ela tirou os calçados, colocou os doces pés na terra úmida, sentou-se em uma pedra e apreciou o ambiente. Naquele dia, Olga *sentiu*.

Não muito tempo depois, seguindo duas borboletas brancas em meio à mata, chegou a uma espécie de clareira, onde a luz obliqua do sol iluminava um lago quase coberto de lodo. Nesse ambiente quase onírico, fez sua primeira contemplação.

III. PRÓS E CONTRAS

NAQUELA MESMA NOITE em que Olga retornara da montanha, guiada pelos vaga-lumes, um novo episódio a atormentaria.

O relógio acusava quatro e vinte e seis da madrugada. Olga estava acordada, deitada em sua cama, com as mãos entrelaçadas na altura do peito e os olhos semicerrados. Embora olhasse em direção ao teto, era como se não estivesse realmente lá. Estava claro que a insônia a atacava. Porém esse era apenas o efeito. A causa, no entanto, era deveras mais profunda.

No imensurável pântano lodoso em que seus pensamentos e angústias mais profundas vagueavam, Olga movia-se com bastante dificuldade. Estava completamente perdida em meio a um ambiente inóspito e intimidador. Vez que outra, conseguia driblar a vegetação opressiva, mas era rapidamente arrastada de um lado para o outro por correntes desconhecidas, sem que ao menos tivesse chance de reagir. Ora era um sopro de vento que arremessava os arredores para longe, ora um fluxo de água que a puxava para um lugar qualquer. Quando tudo se acalmava novamente, Olga se via no mesmo ponto de onde partira. Estava, obviamente, em presença de um ciclo eterno, de uma luta inútil. Ela, porém, não se deixava vencer. Poderia ser despedaçada, esmiuçada, fragmentada e pulverizada, mas persistiria tentando. Nobre alma que enxerga sentido no sofrimento.

Assim ela passou horas a fio, tentando, errando, reformulando. Às vezes, conseguia ir mais longe, mas eventualmente sempre era trazida de volta pelas correntes, precisamente ao mesmo lugar. A inabalável determinação que tinha fazia com que o ambiente se tornasse cada vez mais hostil.

Os fluxos de água se tornavam mais fortes; o barulho do vento parecia cada vez mais furioso; os galhos das árvores debatiam-se incessantemente, produzindo um ruído tenebroso e quase ensurdecedor.

Em uma certa tentativa, contudo, algo distinto se fez ocorrer. Como que em um disparo de revólver, tudo se acalmou. Em uma fração de instante, o silêncio tomou por completo o ambiente. Nada se ouvia, nada se via, além de Olga em um limbo sem horizonte. Não havia mais pântano; tampouco havia correntes. Apenas uma água rasa cobria ligeiramente os pés dela, em meio a uma escuridão de sorte indescritível. Enfim, Olga finalmente estava livre; livre, porém condenada.

O que aconteceu?

É o que tentaremos explicar. Enquanto narradores, podemos nos permitir a inserção de pequenos interlúdios, a fim de clarificar alguns trechos inicialmente abstratos.

Olga, antes desse episódio, estava presa. Ela bem continuava atada, é verdade, porém agora um pouco mais elucidada. Não falamos de uma prisão física, é claro, mas de uma amarra psicológica, inconsciente. Tudo ao redor dela, de certa maneira, a limitava. Tudo o que ela fazia, a maneira como se portava, como pensava, no que acreditava, apesar de destoante, sempre esteve restrito a linhas demarcadas, regras pré-definidas e formas geométricas coerentes. Olga não se construiu do zero, como um desenho esboçado em uma folha de papel. Mesmo o desenho não parte do nada, assim como o pensamento que primeiro o imaginou. Sempre há uma fortíssima influência do contexto sociocultural no qual se está inserido, a começar pela família. Ainda bem que falamos de influência, e não de determinismo.

Em todo caso, não se trata somente de uma questão de nacionalidade. A sociedade em si, como um todo, representa um obstáculo à individualidade de cada ser humano. Suas constantes promoções de um ideal uniforme, ordeiro, padronizado, quase “tabelado”, com suas modas sazonais e seus gigantescos prédios com fachada de vidro, representam uma imensa barreira, não apenas ao indivíduo de hoje, já maculado, mas também àquele do porvir.

Nossa crítica não é a algo metafísico, tal qual a sociedade enquanto conceito, mas à própria ação concreta de não querer sair do coletivo. Até porque, na prática, o que é a sociedade senão uma fusão do *eu*, *tu* e *ele*, a saber, *nós*, que coabitamos a mesma esfera? E se, porventura, o *eu* se apartar da sociedade, o que resta? *Nós* sem o *eu* são *eles*, assim como *eu*, no meio *deles*, não sou mais *eu*. Não se trata de um jogo de palavras, mas de uma reflexão sobre o que significa *ser o* ou *estar no* coletivo. O *nós* nada mais é, portanto, do que uma maneira de não estar presente, de não se inserir na ação, de ter medo do reconhecimento[1], de apenas assumir um aspecto impessoal e absolutamente distante. O *nós* torna-se, então, o último estágio da alienação de si.

Para concluir, sabemos que nem toda ignorância nasce da resignação. A ausência de pensamento crítico, no entanto, como efeito dessa terceirização, quase sempre resulta em perda de essência. Não é errado adaptar uma parte ou cultivar uma forma. Mas erradicar o existente para acomodar o apropriado, isso sim

[1] O reconhecimento mencionado neste ponto não se refere de forma alguma ao desejo de fama, mas à vontade de ser visto como consciência autônoma. Ver a dialética do reconhecimento de Georg Wilhelm Friedrich Hegel, presente no livro *Fenomenologia do espírito* (1807).

é lastimável. Existe uma larga diferença entre inspiração e cópia. Uma é legítima; a outra, desprezível. Defendemos a vida, a reanimação do passado, a manutenção do eterno, a reencenação da peça dramática. Repugnamos o descaramento, a reescritura do íntegro, a cirurgia do imperfeito, a idealização de uma pintura monocromática. Dito de outro modo, abraçamos o pluralismo, mas condenamos a superficialidade. Seguir o rebanho é uma escolha; porém não raro é também a causa da perda de identidade. E esta última, por sua vez, é o ponto de origem de um mundo sem raízes, cujo retrato mais próximo é fielmente representado por um objeto chamado *vidro*.

A partir do momento em que Olga tomou consciência da sua situação, da sua imensa similitude com um padrão originário — ao qual, aliás, ela não aderiu ativamente —, ocorreu uma virada de chave na sua mente, embora, com isso, ela tivesse de fazer uma escolha entre dois caminhos ambivalentes: liberdade e segurança.

Enquanto a segurança garantia o fluxo sistemático e absoluto, com a certeza da aceitação e do amparo coletivo, a liberdade representava um caminho incerto, arriscado. Dentro das linhas demarcadas, onde tudo se encaixava perfeitamente — quadrado no quadrado, círculo no círculo [2] —, Olga não precisaria se preocupar com nada. Bastaria se basear em arquétipos e fórmulas matemáticas que tudo correria bem. Fora delas, a incerteza seria a única certeza. A ausência de sentido

---

[2] Muito mais do que um simples jogo de palavras, este trecho tem a função de servir como crítica metafórica ao sistema capitalista, onde as classes sociais — com algumas exceções pontuais — não se misturam, despejando sobre o indivíduo [da classe proletária] uma sorte de determinismo social que jamais poderá ser rompido.

passaria a ser a sua nova realidade. Ao cruzar a linha, porém, tudo o que Olga conhecera até então deixaria de existir. Estaria invariavelmente sozinha, por toda a eternidade, presa em sua casca de noz, sem jamais ter a possibilidade de reverter essa escolha.

"O que fazer?", ponderou ela, "Permanecer e conformar-se com o estado das coisas, aceitar passivamente as decisões externas, ser arrastada de um lado para o outro, como um pedaço de carne que não é dotado consciência? Ou então pulverizar esse muro reconfortante, adentrar um reino desconhecido, traçar a própria trilha, desenhar o próprio sentido; afundar, cair, enlamear-se, talvez até perder-se nas entranhas do além, e sem qualquer ponto de apoio, reerguer-se, aprimorar-se, estabelecer-se em dois contrafortes, e partir novamente em direção ao incógnito?"

O alarme soou. Eram seis horas da manhã. Olga permaneceu ainda alguns minutos na cama, refletindo sobre essa escolha que eventualmente teria de fazer.

IV. ENCURRALADA

COM EFEITO, quando o barco encontra-se inundado, e sendo ele o último recurso, dificilmente tira-se a água do interior a golpes de balde ou aspirações de mangueira; mas a goles de caneca.

Quando nos encontramos em um beco sem saída, pouco importa quem fomos, o status social que detivemos, a riqueza que acumulamos, as conquistas que registramos ou a força física que desenvolvemos. O aríete inexorável que corre avidamente em nossa direção não tem olhos senão para a parede. Tudo o que estiver em seu caminho será igualmente

carregado, espremido e estilhaçado. São nesses momentos que a inteligência, a sagacidade e a maestria criativa mostram-se eficazes. Afinal, não foi o brutal dinossauro que sobreviveu ao apocalipse, mas a simples, modesta, constante, adaptativa barata. Olga, em espírito, certamente era descendente desta última.

Encontrava-se, literalmente, em um campo de batalha. E antes que o leitor se pergunte, não, isso não é uma hipérbole ou um erro lexical. O que define a zona de combate não é a tangibilidade do terreno, mas a presença e a magnitude dos conflitos lá existentes. As lutas travadas dentro da mente humana, tendo como origem essa faísca chamada indecisão, não são menos fatais do que aquelas praticadas em terra. Javert não morreu na barricada[3], mas foi vítima dessa guerra sem armas.

Após o episódio do pântano, Olga passou a ver os vagos dilemas que antes seguiam de perto se intensificarem, como o ataque frenético de uma artilharia que visa neutralizar seu alvo. Ela própria não se encontrava mais em terra firme. Punia-se tanto pela certeza quanto pela incerteza. Ora o tijolo era firme demais, ora a areia volátil em demasia.

Tudo isso a tornava impotente. A estagnação de seus pés naquele chão marmóreo era dilacerante. Se ficasse, seria devorada por sua própria consciência, uma forte réplica à sua complacência indevida. Se partisse, seria engolida pouco a pouco pelo imenso oceano de areia movediça, resposta igualmente feroz dada a uma alma que se lança de cabeça no absurdo.

---

[3] Alusão à obra *Les Misérables* (1862), de Victor Hugo.

O dilema que outrora inquietara Hamlet agora devastava Olga. Seria preciso redobrar os cuidados. Qualquer passo em falso poderia significar uma queda para o além da vida.

LIVRO IV
BASTIEN

I. GATO DO DIA, PUMA DA NOITE

HÁ EM MALBEC, bem como em qualquer outra cidade do globo terrestre, uma espécie de homem temível. À luz do dia, age e aparenta como qualquer um; veste-se com roupas, comunica-se com palavras, caminha sobre duas pernas. De certo modo, assemelha-se a um animal doméstico, parte amável e companheiro, parte instintivo e natural. Quando o último feixe de claridade desaparece do céu, precisamente no momento em que o crepúsculo passa o bastão para a noite, essa criatura, retraída e eufemizada pela luz do dia, torna-se medonha; a amabilidade é transformada em ferocidade e a mansidão em monstruosidade. Não há ser humano que, vendo a silhueta grotesca desta fera em uma rua escura e vazia, não estremeça da cabeça aos pés. Eis o que chamamos de predador.

O leitor certamente se recorda de Bastien, um antigo vendedor de relíquias, e que, no tempo em que se passa a nossa história, residia em um muquifo, no beco La Bouteille. Este homem, que outrora fora um comerciante bastante respeitado, agora era um simples e degradado morador de rua. Empregava, muito mais do que gastava, o tempo que tinha livre — leia-se, todo o dia — vasculhando o lixo alheio, coletando objetos diversos, formulando histórias mirabolantes, reforçando seu repertório, sua argumentação, para que, no fim, pudesse desempenhar com esmero a bela arte característica do miserável que é afastado a pontapés pela nata da sociedade; daquele que, em virtude disso, já não tendo mais empatia alguma, esperança qualquer, mostra a língua para o indivíduo "civilizado", do mesmo modo que o poste, ao rebelar-se, passa a urinar de volta no cachorro. Este personagem, pois, adere a

uma prática, um artifício, que comumente chamamos de *engabelar*.

Entre muros e muralhas, Bastien era o abismo. Representava a grande queda que um homem pode sofrer e ainda permanecer vivo. Fora no abismo que ele, mergulhado na lama, nas trevas e angústias mais profundas, assolado pela incerteza do próximo passo e pela brutalidade das intempéries, desenvolvera a habilidade mais característica daquele que está disposto a tudo para sobreviver: a estratégia.

Bastien não era tolo algum; antes de tudo, era um homem instruído. Buscava conhecimento tanto quanto o acaso lhe permitia. Devorava livros velhos, castigados, sujos, rabiscados, rasgados, que cheiravam mal, porém tão ricos em conteúdo quanto os novos. Coisa estranha, parece que, à medida em que um livro se aproxima da morte, como é característico das coisas materiais, maior ele se torna em grandeza. Bastien também se mantinha atualizado sobre as tecnologias. Nos tempos de verão, pagava um sorvete para algum garoto — que é a imagem mais próxima do futuro que o homem terá —, pedindo, em retorno, que lhe ensinasse a utilizar os recursos tecnológicos mais modernos.

Não fossem as constantes repulsões da sociedade, Bastien poderia ter sido qualquer coisa: historiador, matemático, sociólogo, escritor, jornalista, político, advogado, tradutor etc. etc. Tinha instrução suficiente para desbancar qualquer arrogante, desmascarar qualquer farsante, debater de igual para igual com quem quer que fosse.

Se ele era tão inteligente, sagaz, eloquente, por que raramente engabelava alguém? Havia diversos fatores que faziam com que ele não demonstrasse confiança suficiente. Um

deles, por exemplo, era a sua aparência. Como dissemos, Bastien era um morador de rua, perdera tudo o que acumulara em sua antiga vida. O único conjunto de roupas que tinha em seu poder era o que vestia. As amiúdes aventuras nos ferros velhos e nas lixeiras, além de extrapolar todo o tecido de suas vestimentas, faziam-no feder imensamente. Acrescentemos a isso o cheiro do álcool, da bebida, vício que ele desenvolvera logo após ser atirado nas ruas, desmoralizado pela sociedade, abandonado à mercê do tempo e à lúgubre mão da fatalidade.

Em suma, ele era convincente. Porém, do mesmo modo, e na mesma intensidade, inspirava desconfiança e nojo. É comum de nossos tempos a inversão de valores: preza-se mais pela vestimenta bem cortada que pelas ideias amplamente desenvolvidas.

Foi sabendo disso que Bastien incorporou a si o que vira de pior naquele abismo. Pois essas fendas obscuras, que se encontram nos lugares mais profundos e inabitados de nossas existências, não são de todo ruins; em verdade, elas carregam em seu interior o potencial de desenvolver no homem o que ele verdadeiramente é; em outras palavras, são nada mais que um espelho da alma que nelas transita.

Bastien carregava em seu interior a ira, a revolta, o rancor, o desejo de vingança, a vontade de viver novamente uma vida que já não lhe pertencia mais. Não compreender o propósito da morte, este é o princípio de uma vida miserável. E a morte, por vezes, executa múltiplos assaltos; vem através de pequenas e grandes perdas em vida. Enfurecer-se com os infortúnios, não há pior maneira de empregar energia. Ninguém vence a fatalidade. Pouco a pouco, essa cólera consome o ser, até que nada nele reste, exceto um desejo de erradicação da

humanidade. Eis onde morre um homem; eis onde nasce uma fera.

II. MEMÓRIAS DE UM PASSADO DISTANTE

BASTIEN, NOS ANOS 90, era um grande homem. Reconhecido principalmente por sua renomada loja, onde grandes relíquias antigas eram vendidas, ele construiu sua vida em torno desse negócio. Talvez ninguém na cidade, ou mesmo na região, soubesse tanto sobre artefatos quanto ele. Era, então, um homem respeitado, e fazia dinheiro de maneira limpa.

Montara a loja em 92, com seu sócio Armand, que era também seu braço direito e conhecido de longa data. Começaram com alguns itens básicos: relógios, bússolas, lunetas, espelhos, braceletes etc. Com o tempo, foram expandindo o portfólio. O faturamento dobrava a cada ano, o que possibilitava a aquisição de mais itens. O fluxo de saída era enorme. O estoque nunca ficava cheio, por mais que as aquisições fossem feitas em lotes monstruosos. Resumindo, tudo ia bem.

Em dado momento, já na década de 2000, Armand sugeriu a Bastien que fizessem um seguro do local, para o caso de alguma fatalidade. Foi a primeira vez que ambos discordaram. Bastien tinha uma perspectiva um pouco idealista, utópica mesmo, e costumava dizer que coisas assim jamais aconteceriam. Armand, que era demasiado prudente, sempre preferia se precaver. Na ocasião, argumentou:

— Algo sempre acontece. Podemos vencer todos os dias durante décadas. Só é preciso que o acaso vença uma vez.

Bastien, ainda assim, rejeitou a ideia, dizendo que era um gasto desnecessário.

Enfim, passaram-se dias, semanas, meses, anos. Nada de fato acontecia. Até o dia em que aconteceu.

III. A QUEDA

O TEMPO VARRE AS COISAS como o oceano lava a praia, de modo a tornar questionável alguns eventos da história. Quanto menos notório for um fato, menos evidências haverá para corroborá-lo.

Não foi esse o caso do incidente que iremos contar.

Em meados de 2006, especificamente na última quinzena do mês de agosto, Malbec seria palco de um evento catastrófico. Os jornais da época não falariam de outra coisa senão desta fatal ocasião, que permaneceu nos holofotes enquanto a brasa continuava acesa — literalmente.

O fogo, que surgiu repentinamente, alastrou-se por dezenas e dezenas de quilômetros, arrastado principalmente pela força do vento, que na ocasião soprava em direção ao sul. Mercados, casas residenciais, pequenos comércios, igrejas, parques, tudo o que estava no caminho desse indomável aríete foi simplesmente dizimado.

O corpo de bombeiros, informado por intermédio da natureza — isto é, do próprio fogo que se propagava rapidamente —, pouco foi capaz de fazer, dado o estado e a proporção das coisas.

Algumas horas se passaram até que frotas inteiras, vindas de cidades vizinhas, conseguissem alcançar Malbec. Nesse ponto, já não havia muito o que salvar.

O que ocorreu?

Vamos explicar. Mas antes, permitamo-nos tecer uma breve imagem, para melhor compreensão do leitor, da cidade de Malbec, bem como do local afetado por essa catástrofe.

Segurando em mãos o mapa da cidade, pode-se ver claramente o formato e as divisões do município, bairro a bairro, trecho a trecho; tudo milimetricamente calculado e desenhado em perfeita conformidade com a escala utilizada. Logo na parte superior esquerda, observam-se os bairros nobres, que fazem divisa, tanto pelo norte quanto pelo nordeste, com amplas áreas verdes. Ainda na parte superior, ao lado esquerdo, pode-se ver o *Hôtel de Ville*, sendo composto por dois prédios distintos, um exclusivo para o prefeito e outro para o conselho municipal. Além destes, o complexo abriga o *Palais de Justice* e a estação ferroviária de Malbec. Estes quatro edifícios estão dispostos de uma maneira bastante peculiar, onde os dois primeiros, cada um no ponto máximo de uma estrada absurdamente reta e arborizada, fazem contraposição frente a frente; o *Palais de Justice* e estação não possuem conexão pavimentada entre si, e seu alinhamento se dá por uma hipotética barra diagonal, de sorte que, por uma perspectiva aérea, os quatro edifícios formam um símbolo de porcentagem. Abaixo desses locais, ainda segundo mapa, pode-se identificar o centro da cidade, que possui um formato de “L” horizontal, onde a haste maior abrange quase por completo a largura da metrópole, e a haste menor ocupa parcialmente o pedaço leste inferior, terminando seus limites precisamente no mercado público. Do lado inferior direito, em um formato de esquadro triangular, encontram-se os subúrbios. Entre o “L” que compõe a seção central e o triângulo

disforme dos subúrbios, há um parque, o qual já citamos em outra oportunidade.

Na contraface desse mesmo mapa, pode-se ver desenhado, a linhas traçadas, os cortes subterrâneos da cidade, que indicam a localização das galerias centrais de esgoto, bem como as suas ramificações adjacentes.

Foi exatamente sobre uma dessas galerias, no centro da cidade, que, às vinte e uma horas e treze minutos desse dia fatal — segundo investigações posteriores —, que desabou um pavilhão de uma indústria local. Ali eram armazenados barris de materiais inflamáveis, como óleos industriais e outros combustíveis. Quanto à faísca, poderia ter surgido de tantas formas que nenhuma das investigações foi capaz de constatar a origem com precisão. Há quem diga que ela foi iniciada por ação humana. No entanto, não passa de uma especulação.

Já no que diz respeito ao motivo da queda, parece que chegaram a uma conclusão. Ocorre que, há muitos anos, antes mesmo de ali haver uma construção, quando Malbec ainda era pequena, o sistema de esgoto havia sido construído não a partir de concreto, como é feito hodiernamente, mas com taipas de pedra. O problema desse tipo de construção é que a estrutura trabalha muito com o passar do tempo. Embora teoricamente a pressão e o peso devessem segurar as pedras firmes, a erosão causada pelos constantes fluxos de água e as vibrações do terreno acima eventualmente invalidam a construção.

IV. CONSEQUÊNCIAS

A LOJA DE BASTIEN foi uma das muitas estruturas aniquiladas pelo fogo. Nada havia restado. O cenário pós-controle da

situação era dilacerante. Pessoas desabrigadas, edifícios inteiros carbonizados, lojas devastadas, igrejas caindo aos pedaços. Nas ruas, as cinzas de uma cidade cremada ainda podiam ser vistas pairando pelo ar.

A recuperação, entretanto, não demorou muito. Boa parte dos afetados tinha seguro e os prédios públicos foram restaurados com o auxílio do governo. Infelizmente, uma minoria ignorada não teve a mesma sorte. Foi o caso de Bastien, que além de perder sua loja, perdera também sua casa.

V. A DECADÊNCIA

LOGO APÓS A CATÁSTROFE, Bastien e sua esposa conseguiram asilo em um local que abrigava pessoas sem teto. Não ficaram muito tempo lá. Bastien, ainda nos primeiros meses, começou a desenvolver problemas psicológicos. A perda de seus imóveis, de seus bens — alguns ainda nem quitados —, do dinheiro que ele guardava em um esconderijo na parede, era-lhe inaceitável. A dor que ele sentia era tão forte que por vezes passava noites inteiras se afogando no álcool e chorando no chão do banheiro. Obviamente, não é possível mensurar a dor do outro. Toda dor é uma dor. O problema é que o remédio por ele escolhido para lidar com o sofrimento logo se tornou seu inimigo. A partir de um certo momento, tudo parecia motivo para beber.

Sua esposa, diversas vezes, o aconselhou a procurar ajuda. Ele, por sua vez, nunca a ouvia. Dizia que isso era besteira, que

estava tudo bem, que iriam voltar a ter a antiga vida em breve. Não foi o que aconteceu.

Logo Bastien começou a não voltar mais para o abrigo. Passava as noites na rua, perambulando pela estrada, com uma garrafa de bebida alcóolica na mão. Eventualmente, perderam a vaga no único lugar que poderiam chamar de casa, e não sem razão. Ele e sua esposa, então, desabrigados novamente, foram morar naquele local que o leitor já conhece, no beco La Bouteille.

Alguns anos se passaram. Bastien havia se reconectado com seu antigo sócio e amigo, Armand, nesse meio tempo. Após algumas conversas, decidiram retomar seus negócios — a venda de artefatos. Assim se deu o retorno dos dois.

Outro evento importante, que marcou ainda mais a decadência de Bastien, ocorreu algumas semanas antes do presente momento da história. Um acontecimento horrível mudaria para sempre o destino desse pobre homem maculado.

Em um dia qualquer, vendendo suas “relíquias” com Armand — que então já não eram mais originais, diferentemente de outrora —, Bastien abordou um homem bem aparentado, provavelmente do ramo de negócios, e ofereceu a ele um de seus itens. A resposta não foi nada polida.

Ao ter seu caminho barrado por Bastien, insistente vendedor ambulante, o homem replicou a ele com nada menos que um soco no rosto. Estranho fato, dado que Bastien nada lhe havia feito. A violência, entretanto, não parou por aí. O soco parecia ter sido apenas o princípio. Após Bastien cair espatifado no chão, o homem investiu furiosamente contra ele, desferindo uma sequência de chutes, de tal modo a transformá-lo em um saco de pancadas. Várias pessoas que passavam pelos

arredores começaram a se aglomerar para ver a cena. Ninguém sabia o motivo da crueldade, mas também não fazia nada para interrompê-la. Havia ainda alguns que filmavam o ato, sem qualquer consideração, sem qualquer humanidade. Mesmo Armand, companheiro do coitado que apanhava, assistia de longe, escondido atrás de uma lixeira.

Era uma verdadeira cena de horror. Todos os presentes estavam pasmos, mesmo os *cameramen*.

O agressor, após se cansar de tanto golpear a vítima, agachou-se e cuspiu no rosto do pobre coitado. Feito isso, levantou-se e caminhou em direção à multidão, que abriu caminho para que ele passasse.

Não demorou muito para que a plateia se dispersasse. Ninguém chamou a polícia ou a ambulância. Bastien ficou sangrando no chão até que Armand decidisse sair de seu esconderijo. Ao tentar ajudá-lo, no entanto, Armand foi repelido. Ouviu o ferido lhe dizer alguma coisa, entre acessos de tosse. Embora de difícil compreensão, o que Bastien lhe dizia era para seguir o homem que o violentara.

VI. O ATO

ERA NOITE DO DIA 12 de fevereiro. O sol já havia desaparecido na linha do horizonte, deixando para trás apenas a saudade, que é digna de um astro que por tantos milênios aqueceu o gelado coração do homem.

A noite estava fria, e nem mesmo as árvores atreviam-se a gastar o mínimo que fosse de energia vital em movimentos desnecessários. Ruas e campos, bosques e escadarias, tudo foi como que subitamente tomado pela umidade, o que também

contribuía para a baixa sensação térmica. Não havia vento algum, porém o simples existir desse ar glacial noturno, tão comum em cidades de altitude elevada, era como um maço de lâminas afiadas, arremessadas à queima-roupa contra a carne humana.

O grande leão havia se posto há pouco mais de um terço de hora, e a noite, maltrapilha, ligeira, logo pôs-se a engendrar seus esquemas, lugubremente pairando sua mão espectral sobre uma cidade indiferente à sua existência.

Fosse dia ou fosse noite, quer chovesse quer nevasse, Malbec, enquanto anfitriã de uma sociedade moderna, composta das mais diversas classes sociais, dos mais variados estilos culturais, nunca dormia, e nem poderia fazê-lo. Há coisas que se encontram além do homem, e, mais do que isso, há coisas que estão além da própria natureza.

Na rua *du Travail*, que vista de cima fecha de ponta a ponta a linha superior da letra “T”, sendo a rua *Padoue* a haste vertical, um homem caminhava a passos largos, mesurados, sistemáticos, quase como se se movesse maquinalmente. Quem quer que já tenha passado por essa rua, bem sabe que ali não há iluminação alguma, exceto uma lâmpada meia boca colocada no topo de um grande poste de madeira, localizado um pouco à direita do ponto de encontro das duas ruas. Lâmpada esta que mais desnorteia o passante do que ilumina, pois permanece em um eterno liga e desliga, impossibilitando que os olhos se adaptem ao escuro.

Esse homem, oculto pelas sombras, tinha em mente um objetivo: terminar, de uma vez por todas, com o inferno que lhe assombrava; dar a réplica final para toda a sociedade, de forma assertiva e definitiva. E que melhor maneira de fazer isso

que punir o homem que lhe tratara como lixo, que lhe cuspira na cara em plena rua, que lhe chamara de monstro à plena luz do dia, degradando ainda mais a sua imagem, que por tantos anos já vinha sendo enterrada.

Vez que outra, um barulho de metal pesado, sendo arrastado pelo calçamento, podia ser ouvido. Não era nada mais que uma enorme marreta, carregada assim, de maneira exposta, como se fosse um brinquedo de criança.

Quando estava chegando nas proximidades da casa 86, fez menção de entrar no jardim. Teve um breve momento de hesitação. Ficou parado por alguns minutos em frente à cerca, corpo ereto, mão esquerda apoiada na marreta, como se estivesse aguardando algo. Nesse ínterim, pôs-se a observar o vaivém dos vultos no interior da casa, duas ou três pessoas que pareciam estar em celebração. De súbito, a lâmpada defeituosa do poste, a qual acabamos de mencionar, apagou-se, deixando a rua em um breu total. Quando ela voltou a se acender, o homem já se encontrava no final da rua, porém agora arrastando um corpo desmaiado, em cuja face era possível entrever uma profunda e larga fratura recente.

LIVRO V

MARCAS DO PASSADO

I. UMA BRASA OFUSCADA

A CHANDELLE DE OUTRORA, diferentemente da cidade que vemos hoje, era repleta de endereços singulares. Esses aspectos distintos, no entanto, foram hediondamente obliterados, cedendo lugar, ano após ano, à arquitetura contemporânea. Já tivemos a oportunidade de expressar ao leitor a nossa perspectiva quanto aos edifícios modernos. Não tornaremos a importuná-lo com as mesmas ideias.

Ainda nas primeiras linhas dos capítulos iniciais, pintamos também — embora de uma maneira um tanto vaga — alguns aspectos que compunham a cidade de então. Todas as descrições feitas tinham como origem uma Chandelle que não mais existe. O passante que hoje se aventurasse pelas ruas centrais, sem ter visto as ímpares marcas do passado, certamente não compreenderia o peso que a elas atribuímos. Infelizmente, a história erguida a tijolos — ou por meio de letras — foi inteiramente apagada. Apagada não por um homem ou por um grupo, mas por uma espécie inteira. Asfixiaram-na até que não restasse mais oxigênio. Se a nossa memória nos permitir, tentaremos ressuscitar o fogo com a última brasa que restou.

Todos que hoje entram na cidade, seja pelo lado oeste, como quem vem de Malbec, ou pelo acesso sudeste, onde a localidade mais próxima fica na Itália, necessariamente irão desembocar na rua Mont Blanc, atualmente asfaltada. De ambos os lados dessa rua, por toda a extensão do trecho central de Chandelle, vemos uma espécie de correia dentada em plano vertical, onde prédios e casas, alternadamente, estão dispostos junto à margem da calçada. Calçada esta que, aliás, parece ter sido gradualmente engolida, tanto pela rua quanto pelos edifícios. Hoje em dia não há como duas pessoas, por mais magras que sejam, caminharem

lado a lado sobre ela. Para onde foram os três metros de largura que outrora existiram? Esse é deveras um grande mistério.

A arquitetura de então, igualmente, não existe mais. Foi-se o tempo em que os majestosos casarões eram trabalhados nos mínimos detalhes. Todas aquelas miríficas fachadas ornamentadas, decoradas com pequenos anjos, ferozes leões, flores-de-lis; as varandas cercadas com balaústres, os prendedores de janela em formato de soldados, as mansardas, as cúpulas, o entablamento, etc. Tudo desapareceu. O edifício de hoje mais parece uma peça de tetris do que uma construção humana.

Para onde foi a criatividade? Para onde foi o esmero?

O mesmo aconteceu com as inscrições. A ortografia antiga, que mesmo após a reforma de 1990 ainda se mantinha presente em muitos letreiros e placas no tempo da nossa história, foi cruelmente substituída.

Ainda na rua Mont Blanc, seguindo um pouco em frente na direção nordeste, podemos encontrar um ponto de bifurcação, logo à esquerda, em um formato de “V” invertido, onde uma ruazinha secundária se une à principal. Considerando essa forma geométrica, que o leitor imagine, exatamente onde seria a face do cateto menor, a vinte metros da ponta aguda, uma pequena e modesta casa de madeira, ladeada por plátanos, que serviam de suporte para os arames nos quais corriam videiras. Ali vivera uma família. Por mais estranho que pareça, essa anciã propriedade, tão sentimentalmente por nós guardada na lembrança, nem sequer é recordada pelos atuais habitantes de Chandelle.

II. A RAIZ DO PROBLEMA

NÃO SE TRATA de ser contra o progresso. Trata-se de defender um ideal, uma história, uma localidade, uma vida. Querer manter o eterno ou salvar o atemporal não é o mesmo que permanecer no passado. Às vezes, é o próprio movimento em direção àquilo que era que impulsiona a construção daquilo que será.

Amiúde essa desculpa de modernizar é utilizada para apagar o disforme, o distinto, o estrangeiro. Porque é isso que a construção do passado representa para alguns: uma aberração. Mas ignora-se que por trás da anomalia há sempre uma manifestação de subjetividade. Dito de outro modo, mesmo aquilo que nos é alheio possui uma identidade. A construção é a face de um tempo. Demolir uma casa ou cometer um homicídio, qual é a diferença? Nenhuma. Ambos são crimes terríveis. O primeiro é cometido contra a humanidade; o segundo é cometido contra o indivíduo. Onde está a proteção daquilo que não possui carne e osso?

Obviamente, há quem concorde conosco e aprecie a beleza presente nessas estruturas de outro tempo. Afinal, elas conservam a fisionomia de uma época. Pouco importa se os vidros estão quebrados ou se as paredes estão cobertas de musgo. Há também um charme nisso. E embora o futuro seja o contraponto do passado, carregando consigo a promessa de tempos melhores, ele é uma consequência direta dos eventos que se desenrolaram até o instante presente, complementados pela dosagem do agora. Em outras palavras, suprimir os resíduos do passado é uma forma de legitimar o desmantelamento do futuro, dado que tudo o que nos

antecede é, antes de mais nada, uma criação daqueles que viveram antes de nós.

Finalizemos, pois. A mensagem que aqui passamos é clara para o leitor que está aberto a recebê-la. Ele próprio pode já ter visto — onde quer que ele habite — as marcas do passado serem soterradas. Isso ocorre com maior frequência nos locais onde a estrutura está sob domínio do interesse privado — leia-se, herdeiros. Os governos, ao menos em alguns lugares, têm se mostrado favoráveis a manter o patrimônio histórico. Observaremos de perto até onde vai essa corda. Com sorte, nenhum outro lugar do mundo sofrerá da mesma fatalidade que nossa pequena Chandelle.

<u>LIVRO VI</u>

ALÉM DA MORALIDADE

I. NA CATEDRAL

OLGA ESTAVA DEITADA. As luzes já haviam sido apagadas. Envolta em seu edredom, como uma lagarta em seu casulo, esta criatura, que por último vimos naquele beco sem saída, encurralada por sua própria consciência, agora parecia estar imersa em uma reflexão profunda. Seus olhos perambulavam pelo aposento, que, de quando em quando, era animado pelo vaivém de uma mariposa que passava em frente à janela através da qual a sutil claridade vinda da rua se atrevia a entrar. Olga não sabia bem se estava sonhando, refletindo ou delirando. Ultimamente, nada parecia ser o que era. Desde a entrada daquela figura enigmática em sua vida, tudo mudara. Novas faces de um mesmo objeto subitamente começaram a lhe aparecer. O conceito de "multifacetado", já completo, ganhou uma nova raia.

De fato, não raro a imagem daquele homem voltava à mente de Olga. Ela sabia que nele havia um enigma e queria desvendá-lo a todo custo. O problema é que, habitando um mundo volátil, ela estava acostumada a caminhar entre livros abertos — escancarados, mesmo. Tinha diante de si um labirinto multidimensional, profundo, ramificado, projetado para exigir do desafiante uma perspicácia sobre-humana.

Deitada em sua cama, como há pouco vimos, Olga havia sido tomada pela lembrança de um acontecimento que ocorrera mais cedo. Lembrou-se do encontro que tivera com ele, o homem misterioso, na praça da catedral.

Contaremos brevemente o que, nas palavras dela, assim como diria mais tarde, fora "a conversa mais significativa que já tivera com alguém". O essencial começa a partir do momento

em que ambos, no interior da catedral de Chandelle, observavam algumas pinturas penduradas nas paredes dos corredores.

Uma delas, em especial, chamou a atenção de Olga. Tratava-se de uma representação verossímil de algum evento da Idade Média. Via-se claramente, no centro da pintura, sobre um enorme palanque de madeira, um orador, discursando algo ao povo. A julgar por suas vestimentas, provavelmente era um membro do alto clero. Ao fundo, podia-se ver uma enorme igreja, que certamente não era aquela na qual Olga e o homem estavam. Na parte inferior da pintura, havia uma quantidade inumerável de cabeças aglomeradas, algumas delas portando uma espécie de chapéu que causaria risos ao homem de hoje. De modo geral, o observador que se pusesse a analisar a obra de uma perspectiva um pouco mais ampla, indubitavelmente perceberia que o coração dela estava precisamente na tristonha paleta de cores, que conferia ao sombrio cenário do quadro um aspecto de ainda maior gravidade.

Ao menos foi esse o sentimento que teve Olga. Ela havia permanecido cerca de dez minutos apreciando a obra. Finalmente, julgando não haver mais detalhe algum que escapasse à sua percepção, deu dois passos para trás, ajustou os braços de modo a formar um “L”, colocou o dedo indicador sobre os lábios, como alguém que matuta, e respirou profundamente. Pela maneira como exalou o ar, percebia-se que em seu interior gritava uma cólera, algum problema não resolvido.

Enfim, ainda com os olhos fixos na pintura, murmurou como que para si:

— Que não fazem a eloquência e a palavra divina, enunciadas a um povo miserável e submisso? Diziam-se

portadores da bondade, os mais próximos a Deus, mas perseguiram e torturaram os hereges, a troco de nada, simplesmente por representarem uma ameaça ao sistema e aos dogmas religiosos. Isso não vai contra a ideia de livre-arbítrio? Se não me engano, há uma passagem na própria Bíblia Católica que diz: *Attendite a falsis prophetis, qui veniunt ad vos in vestimentis ovium, intrinsecus autem sunt lupi rapaces*[1]. A história revela uma entidade macabra. Por que insistem, ainda hoje, em acreditar nessas falácias hipócritas? Será que a benção que distribuem é a ignorância?

— É mil vezes mais fácil aconselhar virtudes do que praticá-las — replicou o homem. — Não sou capaz de compreender as ações humanas, assim como não posso explicar o motivo pelo qual o homem fecha os olhos ante o absurdo. Não obstante, posso afirmar que não somos os juízes e, por conseguinte, não deveríamos agir como tais.

— Só acho que é indecente utilizar uma existência supostamente onipotente como ferramenta de controle. Lembro-me que outrora, especificamente no século XVIII, um filósofo também francês, cujo nome infelizmente não recordo, afirmou que "*Si Dieu n'existait pas, il faudrait l'inventer*".[2] Observa-se que a sentença utiliza uma conjugação no condicional; logo, pressupõe-se uma hipótese. Esse fato não é circunstancial. Trata-se, em verdade, de uma predição condicional, para não dizer imperativo condicional. Essa ironia dele, do meu ponto de vista, quer dizer o seguinte: se a rédea não houvesse sido criada,

---

[1] "Acautelai-vos, porém, dos falsos profetas, que vêm até vós vestidos como ovelhas, mas, interiormente, são lobos devoradores", em latim. Mateus 7: 15.
[2] "Se Deus não existisse, seria preciso inventá-lo", em francês. Voltaire, *Epître à l'auteur du livre des Trois imposteurs* (1769).

para controlar o cavalo seria preciso fazê-lo. Em outras palavras, e isso é puramente a minha interpretação, se não houvesse um Ser Supremo no qual pudéssemos depositar nossa esperança; se não houvesse nada além do homem e da natureza findável; se não houvesse possibilidade de imortalidade da alma; dito de outra forma, se não houvesse uma existência com todas as qualidades que faltam ao humano, capaz de ser, estar e agir em todos os lugares e de todas as formas simultaneamente, permanecendo, ainda assim, intangível, inacessível e invisível, não havendo um ser com essas características, a humanidade estaria, inevitavelmente, fadada ao caos. Quando Hobbes diz, em sua visão pessimista, porém factual: *"homo homini lupus"*[3], ele reforça a ideia de que o homem não sabe viver sem um cabresto. Logo, seguindo o pensamento de ambos, revelar à humanidade que poder, hierarquia e superioridade não existem de fato na natureza humana, seria um tiro no pé. Afinal, são as únicas armas que os governantes têm para manter a direção da centopeia. Aqui, as minhas ideias entram em conflito: acredito que o ser humano possa ser verdadeiramente ruim, o predador da própria espécie. Porém, do mesmo modo, defendo a liberdade a qualquer custo. Tendo a pensar como Bakunin: "*Si Dieu existait, il n'y aurait pour lui qu'un seul moyen de servir la liberté humaine : ce serait de cesser d'exister*".[4] Dito de outro

[3] "O homem é o lobo para o homem", em latim. Extraído da frase "*homo homini Deus, & homo homini lupus*" [o homem é Deus para o homem, e o homem é o lobo para o homem]. Thomas Hobbes, *De Cive* (1642).

[4] "Se Deus existisse, haveria para ele apenas uma maneira de servir à liberdade humana: seria deixar de existir", em francês. Mikhail Bakunin, *Dieu et l'Etat* (1882).

modo, “*si Dieu existait, il faudrait l’abolir*”.[5] Toda crença limita a liberdade, mesmo a mais inocente delas. Prefiro libertar a cobra e morrer para ela do que matá-la e ferir os meus princípios.

— É um ato nobre — respondeu o homem, que a escutara atentamente. — Morrer pelos próprios princípios, nada é mais grandioso do que isso. No entanto, eu me sinto na obrigação de dizer: a vida não é preto e branco, Olga. Feliz é aquele que acredita que o mundo é dividido entre bem e mal, certo e errado. Embora vossa interpretação seja deveras sagaz e apresente uma perspectiva assaz interessante, não representa a totalidade das coisas. Uma opinião não passa de um pequeno fragmento de uma parcela que integra o universo do conhecimento. Há mais coisas entre o céu e a Terra...

— Eu sei, eu sei... — atalhou Olga. — Acredite ou não, eu já assisti a uma encenação de Hamlet. Em compensação, dormi cinco horas a menos naquele dia.

— Olga, prestai atenção ao que vos digo: é tolo tanto aquele que acredita cegamente em algo quanto aquele que em nada acredita. O inimigo da verdade não é a ignorância, mas a falsa ilusão de estar no caminho certo. Portanto, no que tange ao compartilhamento de opiniões, lembrai-vos: é preferível deixar a dúvida da genialidade à certeza da estultice. Embora, para vós, que já assististes a tragédia de Hamlet, isso não seja novidade. Afinal, a única função de Polonius, além de ser um fardo para todos, foi dar aqueles magníficos conselhos a seu filho.

Olga ficou pensativa por um instante. Não sabia bem onde havia errado. Perguntou ao homem:

— E qual é o ponto fraco da minha argumentação?

---

[5] “Se Deus existisse, seria preciso aboli-lo”, em francês. Parte do mesmo livro de Mikhail Bakunin.

— A generalização.
— A generalização?
— Sim.
— Por quê?
— Ora, julgais que todo ser humano precisa ser carregado pelo braço. Acaso dedicastes tempo para considerar as nuances?

A pontuação do homem surtiu em Olga um efeito trágico, como a cobra que acidentalmente morde o próprio rabo. É sempre doloroso perceber o próprio erro através dos olhos de outro. Ela voltou a olhar aquela mesma pintura de antes.

— E quanto ao questionamento da existência de Deus? — perguntou ela. — Estou errada em fazê-lo?

— Pelo contrário! — exclamou o homem. — Isso é muito saudável. Devemos questionar as coisas, pô-las em xeque. É tarefa do humano revisar as verdades e crenças da humanidade. O absurdo de hoje é a realidade de amanhã, e vice-versa. Todavia, não podemos impor a nossa opinião como lei universal da natureza. Do contrário, estaríamos fazendo a mesma coisa que a igreja do passado fez, isto é, alimentando a intolerância, e que vós criticais tão severamente.

Olga nada disse, permaneceu em silêncio. O homem então continuou:

— Pois então, qual é a vossa opinião?
— Sobre o quê?
— Sobre a crença em Deus. Pelo que percebo, vossa crítica é não apenas a um Ser Supremo, mas também à ideia de uma moralidade.

— Pode algo que se propõe a ser absoluto e universal não ser criticado?

Fez uma pausa e continuou.

— Bem, para mim, o questionamento “Deus existe?” é muito vago e aberto à interpretação. Poderíamos dizer que Deus existe através de manifestações pontuais de cada ser humano, bem como seria possível acreditar que Ele é uma entidade metafísica, inacessível ao homem. A pergunta que eu realmente julgo necessária e pertinente é a seguinte: por que, enquanto seres independentes, racionais e conscientes de nossa própria existência, buscamos amparo em uma entidade que se encontra *supostamente* do outro lado da nossa capacidade de compreensão? De certa forma, é bastante conveniente que esse tal “Ser Supremo” seja inacessível ao homem, principalmente como argumento de uma crença que visa ser projetada em escala global.

— Não tenho certeza — disse o homem —, mas penso que talvez seja para preencher a lacuna do desespero frente à inevitável mortalidade. Até porque, francamente, seria o humano capaz de suportar o peso do “sofra aqui, mas não há nada depois da vida”?

— Bem, não posso falar por todos, mas acredito que é bem possível. A vida não nos foi dada, ela nos foi imposta. Nenhum de nós escolheu estar aqui. Logo, me é indiferente se, ao final de tudo, eu simplesmente deixarei de existir. Em todo caso, trata-se de ser um “não-mártir”, um homem absurdo: eu sofro aqui, mesmo tendo convicção de que não haverá nada após a vida. Isso significa escolher jogar o jogo, mesmo tendo plena consciência de que, após uma exaustiva temporada, não haverá premiação.

— “*Il faut imaginer Olga heureuse.*” [6]

---

[6] “É preciso imaginar Olga feliz”, em francês. Adaptação de “*Il faut imaginer Sisyphe heureux*”, frase final da obra *Le mythe de Sisyphe* (1942), de Albert Camus.

— Exatamente — replicou Olga, esboçando uma leve risada. — Além do mais, voltando ao assunto da existência de Deus, ela poderia, assim como eu disse antes, ser interpretada de diversas formas. Poderíamos considerar que as boas ações, isto é, realizadas sem o intuito de obter reconhecimento ou vantagem, pura benevolência, seriam manifestações desse indivíduo superior. No entanto, pensando melhor, se fizéssemos isso, estaríamos inutilizando o imperativo categórico de Kant[7], uma vez que a boa vontade não estaria sendo praticada verdadeiramente pelo humano, mas pela entidade divina, por intermédio de um corpo material. Acreditar nessa teoria seria, em última instância, negar nossa autonomia.

— Não necessariamente. Vede, Olga, a falha da vossa teoria está em supor que Deus continuaria sendo uma entidade além do humano, como falam algumas religiões. Mas e se imaginássemos que Ele, ou seja, Deus, não fosse um ser, porém a própria boa ação de cada indivíduo?

— Isso não faria sentido. Por que atribuir um valor divino a uma ação puramente humana?

— Não seria preciso fazê-lo — replicou o homem. — A própria ação de querer a prosperidade do gênero humano seria o tal “deus”, porém sem suas propriedades sobre-humanas. Essa internalização reforçaria a responsabilidade individual, devolvendo ao humano a fatal liberdade, esse fardo imenso, que lhe fora tolhida por um mestre supremo. No entanto, toda essa conversa não passa de especulação. Obviamente, há muitos furos e contradições nesses argumentos. Mas servem como ponto de partida para uma ponderação individual.

---

[7] Ver *Fundamentação da metafísica dos costumes* (1785), de Immanuel Kant.

— Certamente.

— E quanto à vida após a morte, qual é a vossa perspectiva? Negando o Deus da crença cristã, estaríeis inutilizando os conceitos de céu e inferno.

— Não exatamente. Embora esses termos não sejam lá muito adequados, acredito que haja algo semelhante, porém ainda em vida. Um grande dramaturgo certa vez disse: "*There is nothing either good or bad, but thinking makes it so*".[8] Acredito que tanto um "paraíso" quanto um "lugar de danação" são condições da nossa mente, subordinadas diretamente à consciência. Algo só será ruim se eu o considerar ruim, bem como só será bom se eu assim o imaginar. Tristezas, dores e aflições podem tanto ser um inferno quanto uma dádiva.

Nesse momento, ouviram-se algumas vozes no interior da catedral. Eram pessoas que vinham para a missa das quinze horas. Olga e o homem saíram.

II. A ALEGORIA DO PÁSSARO

UMA VEZ FORA DA IGREJA, caminharam sem rumo pelo local. Olga fez notar que nessa mesma praça havia um labirinto, para o qual ela já não ia há alguns anos. Expressou sua vontade de ir para lá. O homem não pôs obstáculo.

Marchando, então, em direção a esse labirinto, comumente chamado de Vastaak, Olga avistou algumas pombas sendo alimentadas com uma espécie de quirela por um velho senhor que estava sentado embaixo de um plátano desfolhado.

---

[8] "Não há nada de bom ou ruim, mas o pensamento o torna assim", em inglês. William Shakespeare, *Hamlet* (1603).

Uma lembrança lhe assaltou a memória.

— Sabe — disse ela ao homem enigmático, que mantinha sua firme e indecifrável postura —, tenho uma teoria em relação aos pássaros. Ou, melhor dizendo, uma hipótese. Certa vez, em uma viagem que fiz para a América, quando estive na região sul do Brasil e fiquei hospedada em uma fazenda por algumas semanas, vi um passarinho, um filhote de sabiá-da-praia, que já tinha nascido há um bom tempo, mas sempre permanecia no chão. Corria pelo jardim, de cá para lá, escondia-se, revelava-se, comia as frutinhas e as larvas que encontrava, mas nunca voava. Seus pais estavam sempre por perto, cuidando dele e garantindo que nenhum animal o devorasse. Inclusive, sempre que eu passava por perto dos locais onde seu filhote estava, um deles voava na minha direção, furioso, fazendo um barulho surdo e esquisito. Assim se passaram alguns dias. Eventualmente, percebi que o filhote continuava lá, mas os pais já não mais estavam por perto. Haviam-no deixado. Era algo humanamente triste de se ver, porém provavelmente normal na natureza. Pouco tempo depois, coisa de um ou dois dias, o pequeno voou. É possível que tenha sido apenas uma coincidência, mas não pude deixar de teorizar a possibilidade de ele, até então, ter escolhido não voar.

— Escolhido não voar? — voltou o homem, até então profundamente atento ao que Olga dizia.

— Sim — confirmou ela. — Creio que o pássaro tinha consciência de sua liberdade. Essa experiência que vivenciei, do meu ponto de vista, mostra nada menos do que isso. Obviamente, esse sabiá-da-praia devia ter uma mentalidade disruptiva. Ele não teve receio de colocar sua singularidade acima dos vínculos parentais. Em última instância, seus pais, ao

menos nesse contexto, foram nada mais do que o peso no lado oposto da gangorra, onde o pequeno pássaro fazia seus ensaios, se questionando, a cada ato: “Até que ponto o outro é capaz de suportar a minha recusa em ser igual a ele?” Em se tratando de pais, essa paciência, essa tolerância mesmo, é um pouco mais durável, porém não inquebrável.

— Não tenho certeza se entendi.

— Bem — replicou Olga —, vou tentar explicar melhor. Supondo que o pássaro soubesse o que é voar, não necessariamente o conceito, que é algo puramente abstrato, mas o ato em si, penso que ele se questionasse: “Por que devo eu voar?” Um humano prático certamente argumentaria: “Pela segurança, para fugir do perigo” ou mesmo “porque é pássaro”. No entanto, fazendo isso, ele ignora que o pequeno ainda não sabia o que era perigo, pois seus pais sempre o protegeram. Já o argumento “porque é pássaro” não justifica o ato; é apenas um endosso do determinismo biológico. Agora, supondo que ele não soubesse o que significa voar, pois nunca o experimentou, provavelmente se questionasse: “O que eles (meus pais) esperam que eu faça?” O simples fato de ele ter visto outros pássaros pairando no ar ou batendo as asas não necessariamente gera nele uma vontade de fazer o mesmo. Pelo contrário, creio que a vontade só nasça após a primeira experiência. Por outro lado, eu não nego a existência do impulso; isso é física. O impulso é o movimento causado pela força da influência. Se o filhote decidiu não voar, foi por colocar sua subjetividade acima da conformidade. Veja, há aqui uma espécie de reflexão existencial atípica, divergente, onde a ação mais elementar e supostamente própria daquele ser é por ele categoricamente recusada e posta em xeque. Podemos ainda ir além e imaginar o

mesmo com um bebê humano. Se ele fosse dotado de consciência desde os primeiros dias de vida, não apenas dos objetos que o rodeiam e dos eventos que com ele ocorrem, mas também de si, a nível de metaconsciência, onde ele já soubesse fazer a distinção entre o *eu* e o *ele* (*ele*, para outro, e *eu*, para ele mesmo, não mais se referindo a si na terceira pessoa do singular, assim como fazem as crianças em estágios iniciais de dissociação), e, portanto, pudesse ponderar sobre o ato de caminhar, talvez até se negando a fazê-lo, não por falta de estímulo, mas por não ver sentido na ação em si, ele provavelmente pensaria o mesmo que o pássaro: “Por que devo caminhar? Qual é o intuito disso? Se tudo vem até mim, por que devo ir até as coisas?”

— Perfeitamente — interrompeu o homem. — Porém, nesse momento, veríamos nascer um tirano.

— Ou então um mestre, dado que, a partir do momento em que ele se contemplasse diante do espelho, identificando a inexistência de uma ligação visceral com o resto do mundo, ele deixaria sua posição de submissão, e passaria a ser mestre de seus mestres. No entanto, a questão não é essa. São apenas suposições. O que eu tento provar com essa experiência do pássaro é que não se tem necessidade daquilo que nunca se experimentou. Tanto o homem quanto o pássaro, ao se colocarem contra a maré, questionando a finalidade de uma ação “natural” à sua espécie, mostram-se livres. Parece contraditório, eu sei. Mas veja bem: ir contra o próprio ato que teoricamente os torna independentes é o que lhes confere a liberdade. São livres porque questionam inclusive o essencial. São livres porque não agem conforme o esperado.

— Há alguns séculos, essa opinião vos teria custado a cabeça.

Olga esboçou um sorriso amargo. O homem prosseguiu.

— Então, o que dizeis é que, em última instância, o que está em pauta aqui é a atual artificialidade do que seria, por excelência, natural? Agindo em conformidade com uma expectativa, sem inicialmente destrinchá-la, o animal consciente mostra-se tão parametrizado quanto uma máquina. Seria esse o assoalho da vossa teoria?

— Precisamente. Claro que há exceções, e devemos considerá-las. Porém, de modo geral, o homem se ajusta à sociedade, como o líquido se ajusta ao recipiente. E quanto à ilusão de necessitar de algo, proveniente da imagem de um ideal projetado pela sociedade no indivíduo, é, como sugere Sennett[9], não mais que um "desejo de ser semelhante", cultivado em nós desde *os primeiros passos*. Isolando o singular do plural, como fez o pássaro, rompemos também a ligação entre interior e exterior, vontade e expectativa.

— Entendi. E a partida do pássaro, o que significa? Por que ele voou?

— Porque encontrou sentido no ato. Com a partida de seus pais, passou a ser responsável por seu próprio destino, por sua sobrevivência. Não voou porque era pássaro; voou porque a experiência do perigo criou a necessidade. O efeito é o mesmo, mas a causa foi diferente. A meus olhos, ele foi, e talvez continue sendo, um pássaro extravagante.

[9] Richard Sennett, sociólogo norte-americano (1943-)

III. NA AUSÊNCIA DE UMA CURA, RETARDA-SE A DOENÇA

AO PROFERIR AS ÚLTIMAS PALAVRAS, Olga se viu no interior do labirinto. Estivera tão imersa na explicação de sua teoria que nem percebera a transição de um ambiente para o outro. O que mais a incomodou, no entanto, foi ver-se sozinha ali. O homem, novamente, havia desaparecido.

Olga não sabia exatamente em que pedaço do labirinto estava. Essa ausência de um ponto norteador a deixava aflita. Para todos os lados que ela caminhava, encontrava um acesso sem saída. Pior do que isso: as fileiras pareciam mudar a cada tentativa que ela fazia. Não dissemos ao leitor, mas esse é o significado do termo Vastaak, segundo um antigo dialeto local: *terreno volátil*. Para Olga, parecia ser o pântano que voltava sob outra forma, lembrando-a novamente da sua situação. Não poderia deixar de ver a verdade.

Ela ainda não era capaz de extinguir o fogo; contentou-se em controlá-lo. Conseguiu escapar do labirinto perfurando os arbustos. Era uma violação, de fato. Porém apenas para uma mente convencional.

Assim terminou a lembrança de Olga, sendo gradualmente sucedida pelo doce sono que chegava.

LIVRO VII

OS CAMINHOS SE ENTRELAÇAM

I. ONDE PODE-SE VER MARCAS DE MARRETA

NO DIA 13 DE FEVEREIRO daquele ano, data subsequente a um dos eventos que narramos há alguns capítulos, a residência número 86, localizada em Malbec, na rua du Travail, seria alvo de uma investigação policial, porém não pelo motivo que o leitor imagina.

Não iremos falar sobre essa ocorrência nesse momento. Há muita água para correr ainda e muita coisa que deve ser dita. No entanto, para maior conexão dos fatos que se seguem, torna-se necessário dizer que a primeira coisa que a polícia encontraria ao chegar na casa em questão seria um enorme rombo na porta frontal. Posteriormente, e levada como evidência de uma possível conexão com o crime investigado, foi encontrada uma marreta ensanguentada, largada de qualquer forma na sala de estar.

Não precisamos mais fazer suspense. O homem que portara essa marreta, e que possivelmente a usara para desnortear e sequestrar o outro, era Bastien. Sabemos também, por lembrança de fatos frescos à memória, quem era o outro sujeito, atacado e levado por ele.

Mas como tudo isso ocorreu? De que modo, ao apagar e acender de uma lâmpada, feroz como um raio, ligeiro como um relâmpago, Bastien fora capaz de invalidar e carregar um homem? Sabemos como entrara na casa, talvez até como suspendera a vítima, mas o que fizera das demais pessoas ali presentes? Afinal, ele vira três vultos antes de adentrar a moradia. Ademais, para onde levara o homem supostamente desmaiado, que poderia muito bem estar morto?

A verdade é que, na ocasião, quando Bastien alcançou a sala de estar, o tal homem já se encontrava sozinho. Quiçá, ao

ouvirem o estrondo da marreta arrebentando fatalmente a porta da frente, os outros tivessem se desesperado, buscando esconderijo em algum lugar da casa ou até fugindo pela entrada dos fundos. Fato é que, uma vez dentro da casa, Bastien quis perder o mínimo de tempo possível. Pôs-se a procurar sua presa e, ao encontrá-la, encurralou-a e a apagou com um golpe certeiro na têmpora esquerda. Rapidamente após, largou a marreta ali mesmo e carregou o fardo até a rua, onde o arrastou por mais de dois quilômetros, a céu aberto, até chegar em um refúgio.

Em que estado de revolta encontrava-se Bastien? Por que deixara a arma do crime na residência do sequestrado? Além disso, em que universo orbitava seu cérebro quando arrastara aquele corpo pela rua, onde pessoa poderia avistá-lo, de sorte que poria todo o seu esquema em risco?

Certamente a sensatez lhe fugia naquele momento.

II. UMA ÚLTIMA HESITAÇÃO

NO BAIRRO INDUSTRIAL, especificamente em seu ponto mais conhecido, há uma espécie de instalação, antiga fábrica de calçados, que atualmente se encontra em estado “mais que precário”, fazendo contraposição ao refinado prédio de hoje, “mais que perfeito”. Nessa estrutura, abandonada pelo homem e dilacerada pelo tempo, nosso velho conhecido, Armand, a mando de Bastien, havia preparado uma ratoeira.

Para quem?

Ora, o leitor acaba de saber.

Há tempos ambos vinham planejando uma vingança contra aquele “homem” — se é que assim o podemos chamar —, que

violentara e cuspira no rosto de Bastien. Para quem pensa que esse é um ato frívolo, não condizente com uma resposta tão bruta, devemos relembrar que isso não foi a faísca, mas a gota d’água para Bastien. Ele já vinha suportando há muitos anos, de boca fechada, as pedradas de uma sociedade malévola, superficial.

No momento em que o cuspe do outro atingiu seu rosto, uma nuvem obscura se instalou. O miserável, não vendo mais luz no mundo, fez dessa nuvem uma tempestade.

Que não nos entendam mal. Nosso trabalho é apenas narrar os acontecimentos, sejam eles admissíveis ou não. Repugnamos a violência, mas nem por isso ela deixa de existir. O que podemos fazer, enquanto esperançosos sonhadores, é não romantizar a barbárie, e mostrar a que ponto a cólera, a ira e a vingança podem levar o humano. Com sorte, o leitor não precisará mais do que isso para enxergar a fatalidade resultante de cada uma das ações dos personagens.

Por volta das oito horas da noite, Bastien chegou em frente à antiga fábrica. Estava visivelmente exausto. Por mais que não tivesse carregado o homem nos ombros, arrastá-lo havia sido igualmente penoso. Percebeu, com a chegada, que sua vítima estava toda esfolada. Obviamente, não houvera imaginado que o calçamento começaria a fazer o trabalho por ele. No entanto, a mesma mão que afaga também apunhala: um obstáculo havia sido criado. Teria de finalizar o serviço até o amanhecer, dado que o rastro de sangue deixado pelas costas do outro o denunciava. Era algo quase imperceptível à noite, mas certamente visível à luz do dia.

Estando cansado demais para carregar o fardo até o interior da instalação, teve de recorrer a Armand. Gritou:

— Armand! Armand!

Nada. Gritou uma terceira vez:

— Armand! *C'est moi, viens ici*.[1]

Novamente, seu estado de ira não o fez perceber que, gritando, atrairia a atenção. Por sorte, ninguém parecia ter ouvido. Embora fosse um bairro industrial, passantes sempre perambulavam por ali.

Armand logo apareceu, com uma expressão de estupidez estampada no rosto, e ajudou Bastien a carregar homem para o interior do local.

A noite continuava gelada. Não se ouvia barulho algum, nem movimento qualquer. As folhas das árvores permaneciam estáticas. Com exceção das estrelas, da lua e das fracas lâmpadas da antiga fábrica, lugar algum no quarteirão emitia claridade.

Entrando naquele local, que por fora já era amedrontador, sentia-se uma espécie de mal-estar. O mofo preto impregnado nas paredes e no teto, por todos os lados, era sufocante. O ar inspirado entrava queimando pelas narinas. Quem quer que ali permanecesse sentiria, em poucos minutos, a cabeça latejar. Como não tinha nenhum sistema de aquecimento e muitos vidros estavam quebrados, a sensação era de estar no interior de uma câmara fria, mantida à base de NH3.[2] A instabilidade da estrutura como um todo também adicionava um toque de fantasmagoria, não em sentido ficcional, mas conceitual. Os morcegos, as cobras, as aranhas, as lacraias, as larvas, mesmo as formigas, pareciam fazer do local seu habitat.

[1] "Sou eu, venha aqui", em francês.

[2] Isto é, amônia.

Quando entraram com o homem, a primeira coisa que Bastien e Armand fizeram foi colocar a vítima em uma velha cadeira de aço, amarrando suas mãos e pernas com grossas correntes. Armand não deixou de expressar sua vontade pela utilização de máscaras, para que o sujeito não os reconhecesse. Bastien refutou a ideia categoricamente. Disse, com um sorriso malévolo, querer que a vítima visse seu rosto. Mais precisamente: "que o desgraçado enxergasse o fogo presente no fundo de seus olhos".

Enquanto os dois terminavam alguns preparativos, o tal sujeito continuava desacordado. O sangue que antes fluía da fratura na têmpora esquerda já havia coagulado. Os ferimentos nas costas, no entanto, que foram causados pelo atrito com a rua, ainda vertiam sangue.

Três quartos de hora se passaram. Bastien e Armand haviam pegado cadeiras e se sentado em frente à sua presa. Pareciam dois leões que aguardam o cervo acordar para então finalizá-lo. Ouvia-se o palpitar acelerado do coração de Bastien, que, apesar de tomado pela cólera, ainda demonstrava um grande nervosismo. Suas mãos, apoiadas nos joelhos, tremiam levemente. Estava claro que ele hesitava mentalmente. Não tinha certeza do que fazia.

O homem não demorou muito para acordar. Logo que abriu os olhos, deparou-se com aquela cena de terror, preso à cadeira e com duas feras diante de si: uma que se revelava por inteiro e outra que se escondia atrás de uma máscara de porco. Não é preciso dizer quem era quem.

A princípio, o homem não reconheceu Bastien. Ao menos foi o que deu a entender. Olhou confusamente ao redor de si, tentando decifrar o ambiente. Tinha uma expressão de raiva

misturada com desespero estampada no rosto. Não demorou até surtar.

Vendo aquele espaço, que mais parecia uma antessala do inferno, ele gritou:

— *Au secours !*[3]

Os dois carrascos nada fizeram. A vítima ainda gritou oito ou dez vezes, em desespero. Bastien nada fazia além de observar fixamente o homem agonizar. Quando ele parou de gritar, Bastien imediatamente perguntou, sublinhando cada uma das palavras:

— Sabe por que está aqui?

O homem não respondeu.

— Sabe quem sou eu? — prosseguiu Bastien. — Lembra-se de mim?

O sujeito nada fazia além de olhar com o canto do olho para o seu interlocutor. Sentia medo, mas revelava também uma espécie de nojo.

— Não deve se lembrar mesmo. Homens rasos têm memórias rasas. Eu, no entanto, me lembro muito bem de você. Lembro-me perfeitamente daquele dia. Sim, daquele dia. Do dia em que me tratara como um pedaço de carne podre que se encontra no lixo. Lembro-me dos seus movimentos, das suas palavras, da sua expressão facial, do nojo que sentira ao olhar para mim, exatamente como faz agora. Recordo-me ainda da roupa patética que estava usando na ocasião. Bah! Vocês e suas vestimentas bem cortadas... Lembro-me de como limpara seu sapato depois de me chutar, como se eu fosse um excremento no qual se tivesse pisado. Agora eu lhe pergunto: para onde todo

---

[3] "Socorro", em francês.

aquele sentimento de superioridade foi, hein? Cadê o grande homem que violenta moradores de rua sem motivo algum?

— Deve estar me confundindo com alguém — balbuciou o homem, em tom de piedade.

— Eu acho que não, Simon — concluiu Bastien.

Ao ouvir o pronunciar daquele nome, o homem não pôde deixar de engolir a saliva, que já quase transbordava de sua boca. Bastien prosseguiu.

— Veja bem. Naquele mesmo dia, após sua finalização fantástica — e fez um sinal com ambas as mãos, como o de uma explosão partindo da testa —, sua rubrica deixada em meu rosto, meu colega aqui o seguiu. Não poderia ter sido de outra forma. Você foi tão estúpido a ponto de acreditar que sairia impune.

Simon tentou interrompê-lo, mas Bastien elevou ainda mais a voz.

— Foi idiota! Foi estúpido! Talvez porque já tenha feito isso outras vezes, e nada nunca aconteceu. Nós sabemos que a balança da sociedade está descalibrada, e muito, mas, como toda balança, ela ainda pesa. Nesse caso, os inquisidores somos nós. Na ausência de uma justiça, cria-se uma autoridade interina. *Bref*, descobrimos quem você era, onde trabalhava, onde morava, a que horas saía para o trabalho, a que horas voltava para casa etc. etc. Não foi difícil orquestrar um plano.

— Eu juro — ainda resmungou Simon —, não sei do que está falando.

Bastien, com sorriso estampado no rosto, murmurou:

— Pois vai saber.

Olhou para Armand e estendeu a mão. Armand, por sua vez, sussurrou no ouvido dele:

— Tem certeza?

— Não — respondeu Bastien.

Armand então entregou um revólver para Bastien.

III. TIRO ERRADO, GOLPE CERTO

TODOS NÓS, ao menos uma vez na vida, já demos um mergulho no oceano da ira. É bem provável que não tenhamos entrado nele diretamente pela costa, até porque ele não admite praias em suas extremidades, apenas enormes falésias. Turistas não são bem-vindos. É preciso ter certeza de nele querer chegar. A única maneira de ali desembocar, pois, é pelo ralo, isto é, pelo esgoto.

Uma vez estando dentro dos limites desse oceano, há apenas duas alternativas: escalar o íngreme paredão e continuar a vida ou ali permanecer e eventualmente afogar-se. É importante pontuar que, nesse caso, afogar-se não significa morrer, mas incorporar a ardente água a si. A partir desse momento, toda a compaixão que há dentro do homem é simplesmente extirpada, da mesma forma e com a mesma incompreensão que se arranca um pé de urtiga.

Bastien, ao pegar a arma da mão de Armand, optou pela segunda alternativa. Ele sabia perfeitamente que executar seu plano até o fim custar-lhe-ia sua humanidade.

Examinou o revólver por alguns segundos. Armou o cão. Pensou. Olhou ao redor de si, ansioso, como se procurasse em algum lugar forças para continuar. De súbito, sem mais nem menos, pressionou o gatilho.

O disparo ocorreu em uma fração de segundo. Fora tudo o que Bastien pudera perceber antes de ser abraçado por um frio antártico. De ponta a ponta, sua coluna vertebral foi percorrida

por uma descarga de adrenalina repentina. As pernas ficaram hesitantes, tremiam como vara verde. A mão com a qual ele segurava a arma não pôde deixar de fazer o mesmo. Bastien transpirava, apesar da baixa temperatura.

O ambiente ficou mudo por um minuto. Para Bastien, o som do disparo ainda reverberava gravemente em seu ouvido, de um modo trágico e absurdamente pungente. Ele se via em um manguezal obscuro, denso, repleto de ódio, no qual ele voluntariamente entrara e do qual ele não mais poderia sair. Naquele instante, não era a sociedade que o rejeitava, mas ele próprio que por sua ação se condenava. Ele era o justiceiro que, para purgar o monstro, se maculava.

Foi uma gargalhada de Simon que rompeu o silêncio. Bastien havia atirado no nada.

— Patético! — disse o debochado, soluçando de tanto rir.

Bastien, imobilizado pelo resultado de um ato irrefletido, largou o revólver, que quicou duas vezes no chão antes de parar. Definitivamente, não sabia o que estava fazendo. No fundo, sentia que não havia sido feito para aquilo. O simples disparar de uma arma o fez ter medo; medo de si mesmo; medo do que pudesse se tornar. Aquela soma de sentimentos, entremeada à incerteza, o fez desabar. Mordeu os lábios e começou a chorar.

Armand, por trás de sua máscara, apenas olhava. Ele também aparentava estar confuso. Não sabia o que fazer.

Bastien, entre lágrimas, dirigiu-se a Simon, que continuava rindo:

— Por quê? É a minha única pergunta. Por que fez aquilo? Para que fim?

— Nenhum — replicou Simon, já em posse do seu sentimento de superioridade, embora ele ainda estivesse

acorrentado à cadeira. — Eu o fiz simplesmente porque podia, porque posso.

E se dobrou em risos novamente. Estava claro que ele se lembrava de seu interlocutor.

Bastien se ergueu, juntou todas as forças que ainda tinha e, com o punho fechado, desferiu um forte golpe contra o crânio de Simon. A pancada foi tão intensa que a cadeira virou, levando ao chão o homem que nela estava.

IV. CORTA-SE CERTO POR LINHAS TORTAS

A JUNÇÃO DO BRUSCO MOVIMENTO com o impacto fez com que um objeto que estava no bolso da calça de Bastien fosse lançado ao chão, a alguns metros do pé de Armand.

Enquanto Bastien continuava olhando em cólera o homem caído no chão, sem saber exatamente o que fazer, Armand achegou-se a ele. Esticando o braço em sua direção, mostrou-lhe a tal bússola de Frederico II, que havia escapado de seu bolso.

Ao ver aquele objeto, Bastien petrificou. Embora, como dissemos anteriormente, ele tenha tentado vendê-la para várias pessoas, a única coisa que lhe vinha à mente ao contemplá-la era a jovem que prometera comprá-la. Ele não sabia o nome dela, mas lembrava vagamente de sua imagem. Muito mais do que isso, recordava-se também do ato de bondade que ela fizera naquele dia. O livro por Olga deixado fora por ele lido inúmeras vezes. Já o arranjo de jasmim, infelizmente, não sobreviveu ao sufoco do insalubre local.

O coração dele derreteu. Obviamente, não tinha condições de finalizar seu plano. Não poderia prosseguir, nem deveria

fazê-lo. De certa maneira, a figura de Olga, mesmo que indiretamente, fora decisiva na resolução desse evento.

Enquanto Simon continuava desmaiado, em função da forte pancada, Bastien desatou as correntes que o prendiam à cadeira. Ao cabo deste ato, ele e Armand foram embora.

LIVRO VIII

MALHA FINA

I. A MORTE DE BASTIEN

O CALENDÁRIO ACUSAVA 13 de fevereiro. A polícia movia-se em larga escala pela cidade de Malbec e os jornais anunciavam o motivo: um morador de rua havia sido assassinado à queima-roupa, em plena luz do dia, quando retornava para o beco onde residia. O assassino, que fuzilara o miserável com a ajuda de quatro capangas, estava foragido.

Não demoraria muito para que ele se entregasse. Já na noite seguinte, no dia 14, ele mesmo foi até a delegacia e confessou o crime.

Não iremos entrar em detalhes. Todos os dias vemos crimes semelhantes, que de tão horrendos causam náusea no espectador. Não destinaremos mais linhas da nossa história para reafirmar àquele que nos lê aquilo que ele já sabe.

Sintetizemos, pois.

Dois meses e meio de investigação foram necessários para que se descobrisse o real motivo do assassinato. E por *real* queremos dizer: *uma parcela do real*. Pouco temos a acrescentar àquilo que o leitor já adivinha.

Eis o que o relatório de polícia, após uma *profunda* perscrutação, constatava:

> Bastien, ex-vendedor de joias e artefatos, outrora residente do bairro Vallée de Pommes, onde, juntamente com seu sócio Armand, mantinha um estabelecimento intitulado Trésor National, fora vítima do Grande Incêndio de 2006. Desde então, vivia ilegalmente em um local desocupado, no beco La Bouteille, com sua esposa Marie.
>
> [...]

> Foi identificado que Simon, conforme consta no depoimento por ele feito à polícia, onde confessou ter assassinado Bastien, fora por este sequestrado e ameaçado à morte, porém conseguira fugir antes que o crime fosse consumado.
>
> [...]
>
> Quando questionado sobre a marreta encontrada em sua casa, Simon foi categórico ao afirmar que "Foi a arma que ele [Bastien] utilizou para ameaçar a mim e a minha família. Porém, na ocasião, fui capaz de lutar com ele, dando tempo para que minha mulher e meu filho fugissem pela porta dos fundos."
>
> Ao questionarem ele sobre a motivação de Bastien, ele respondeu apenas que "O homem era perigoso, louco, instável, lunático. Queria roubar-me. *Du pognon*[1], era o que ele queria."

O restante do relatório pouco nos importa. Sem dúvida, o leitor já deve ter percebido que Simon distorceu a verdade em seu depoimento.

Fosse como fosse, a polícia nunca tomou conhecimento da ocorrência que desencadeou todo esse drama: a difamação de Bastien por parte de Simon. A vida de Bastien enquanto morador de rua não foi interesse da investigação. Se soubessem que o âmago da questão estava precisamente ali, no desenrolar dessa fatal decadência de um ser outrora convencional, teriam destinado mais esforços a estudá-lo.

Quando, alguns dias depois, Olga voltou a Malbec para comprar a tal bússola de Frederico II, foi informada da fatalidade por intermédio da viúva de Bastien, que permanecia residindo no mesmo local. A mulher também contou a Olga —

[1] Gíria utilizada para se referir ao dinheiro, em francês.

não saberíamos dizer o porquê — toda a história de Bastien, inclusive sobre o evento no qual ele fora agredido e difamado. Com as informações de Armand — que, pela prudência de usar uma máscara, não fora alvo de Simon —, a viúva ainda pôde contar a Olga sobre o episódio na antiga fábrica de calçados.

Naquele dia, Olga, que já estava recheada de suspeitas sobre a veracidade dos acontecimentos de sua vida, foi a todos os cemitérios de Malbec, a fim de confirmar a morte de Bastien. Fato bizarro, em nenhum dos cemitérios ela encontrou lápide com o nome dele.

Retornou então ao beco La Bouteille, com o intuito de questionar a viúva sobre a destinação do corpo do falecido, uma vez que ela nada mencionara sobre cremação, deixando a entender que ele houvera sido enterrado. Para a surpresa de Olga — e talvez para a do leitor também —, nada mais havia lá. Isto é, havia; porém não a precária moradia fechada por tapumes, onde ela supostamente estivera algumas horas antes, apenas um pequeno café: o café Bourbon, já mencionado anteriormente e que vive até hoje.

Estupefata, porém a ponto decifrar de um grande enigma, Olga saiu do beco e abordou a primeira pessoa que avistou na rua.

— Com licença, senhor. Por gentileza, poderia me informar que dia é hoje?

Confuso, porém compreensivo, o homem replicou:

— Hoje? — e disse a data. — Por quê?

Olga nada respondeu. Parecia-lhe absurdo que aquilo fosse possível. Mais uma vez, sua realidade aparentava estar sendo distorcida, desprovida de lógica. “Mas como?”, se perguntava ela. Como *aquele* grave dia voltava a assombrar o seu

calendário? Seria esse o momento de tomar a tal decisão? Seria o ponto de partida de todos esses eventos também o destino de sua jornada? Somente uma pessoa poderia lhe responder. Restava-lhe apenas aguardar até que a tal figura decidisse aparecer novamente.

II. A RESOLUÇÃO

O HOMEM MISTERIOSO VESTIA-SE de maneira um pouco diferente. Utilizava uma cartola preta, detalhada com uma fita da mesma cor. A camisa, também de uma tonalidade preto fosco, fazia contraste com o sobretudo cinza. Às mãos, luvas pretas. Apenas os sapatos eram marrons.

Olga e ele estavam sentados lado a lado em um banco, naquele mesmo banco em que se encontraram pela primeira vez. Nessa ocasião, todavia, não mantinham contato visual. Ambos fitavam alguma linha do horizonte, e assim permaneceram por quase toda a conversa. Dialogaram assim como fazem agentes e informantes, sem parecer que trocam palavras entre si, sem deixar transparecer sua conexão; como que às escondidas.

Após uma breve conversa qualquer, a qual não julgamos pertinente para este ponto da história, Olga franziu o cenho, respirou profundamente e, ao cabo dessa expiração, disse ao homem, em tom melancólico:

— Acho que estou delirando.

— Por quê? — perguntou ele, sem aparentar mudança de emoção.

— Já não sei mais o que é verdade, nem o que é real, nem o que de fato aconteceu; tampouco tenho certeza de que dia é amanhã.

Ele a ouvia atentamente, embora, como dissemos, não olhassem um para o outro. Olga prosseguiu.

— Há poucos dias, ou melhor, daqui a algumas horas... Que coisa estranha! Já nem sei mais em que tempo verbal falar. Enfim, conheci... ou conhecerei um morador de rua, ex-vendedor de relíquias, que tentou... ou tentará vender-me uma bússola quebrada.

— E então?

— E então? Como assim "e então"? Tudo isso não é estranho para você?

— De modo algum.

Olga então repetiu o que havia dito antes, a fim de acentuar este estranho fato. Complementou contando a ele tudo o que até então vimos, porém, é claro, sob a perspectiva dela.

— A meu ver — replicou o homem, após ouvi-la —, o ocorrido não pertence a tempo algum. É um evento distinto, que flutua livremente no espaço, podendo tanto ser interpretado como passado, presente ou porvir. No entanto, eu não o enclausuraria aos limites de uma compreensão cronológica. Seria diminuir indevidamente sua natureza.

— O que fazer, pois? Contemplá-lo?

— Precisamente. Essa é a beleza da contemplação: não é preciso que o elemento contemplado faça sentido.

Ouvindo novamente aquelas palavras, "não é preciso que faça sentido", uma memória começou a ser reconstruída no interior de Olga, como uma torneira que pinga até encher o copo com água.

— Isso foi alguma espécie de delírio? — perguntou ela.

— Não.

— Foi um sonho?

— Não.

— Foi um devaneio?

— Não.

— O que foi, então?

— Uma experiência.

— Que experiência?

O homem esboçou um riso com os cantos da boca. Era a primeira vez que ele sorria.

— Quando o ser humano é pego na transição entre a realidade e o absurdo — começou ele —, as tênues linhas da verdade são afrouxadas e torcidas de tal modo que, se não partirem, exibem por meio de um efeito racionalmente inexplicável as mais imperceptíveis discrepâncias e sutilezas. É como acordar em meio a um sonho e, sem sair dele, ponderar sobre um problema não resolvido. Como que por algo sublime, mostram-se ali, nesse momento, nessa mescla entre sonho e realidade, esses detalhes dos quais acabei de falar, invisíveis a uma mente que supostamente se encontra em estado consciente. É exatamente nesse ponto, nessa incoerência, nessa falta de forma, que encontramos os limites da razão.

— O que isso quer dizer?

— Já conversastes com a própria consciência?

Olga sentiu um leve beliscar.

— Não entendo o que isso tem a ver com a minha pergunta — respondeu ela, tentando fingir indignação.

— Respondei ao questionamento.

Ela poderia ter respondido seriamente, uma vez que já tinha a resposta para essa pergunta. No entanto, quis dar mais uma volta, entrar na brincadeira e ver até onde isso iria.

— Como posso saber? — replicou. — Acho que sim, talvez. Não é o que fazemos quando refletimos?

— Estou falando de ter um diálogo com ela, onde não se controla a resposta, nem se pode prever a próxima pergunta.

— Que diabos?! Como poderia ser minha consciência se eu não a controlasse? Provavelmente seria a de outra pessoa.

— Interessante. E quem foi que vos disse que existem outras pessoas? Acaso foi *outra pessoa*?

— Qual é o ponto? — perguntou Olga, já esboçando uma leve inquietação. Obviamente, o abstrato interrogatório do homem não a deixava confortável. — Eu já não estou mais vendo propósito nessa conversa. Vim aqui para tentar resolver um mistério, mas não pareço obter respostas.

— Tudo está interligado, Olga. Acalmai-vos. É preciso ter paciência. Há uma beleza em não saber as coisas de imediato.

E completou com uma frase que despertou em Olga um sentimento singular:

— O devaneio expõe as fraturas; elas ardem, e desse ardor surgem os questionamentos. Basta então ser audacioso o suficiente para mergulhar na lama e, com o sofrimento da procura, encontrar a coisa mais magnífica já vista pelo humano: o nada.

Fez-se um momento de silêncio. Foi o homem quem o rompeu.

— O intuito das minhas perguntas, Olga, era tentar explicar de maneira coerente algo que não é. Vede, conversar com a consciência, especificamente nas condições que propus, é algo

quase mágico, digno de uma fábula. E explorar os meandros do solipsismo, enquanto explicando as conexões entre os eventos, é sempre mais agradável. Adiciona um não sei quê de dúvida existencial. Para mim não tem graça, é claro, mas para o humano, tem.

Olga tentava digerir o que ele dizia. Não era algo simples de se compreender. Mesmo a constatação que ela própria fizera era de difícil aceitação.

— Façamos esse jogo, então — replicou ela. — Talvez seja divertido. Suponhamos que você seja a consciência, ó poderosa, única na imensidão do infinito. Eu sou o hamster, que corre sem parar na roda, julgando fazer progresso, quando, em verdade, nunca sai do lugar. Estou sob efeito de um progresso ilusório, uma eterna iteração de recorrência ao último estado de integridade. Você coloca placebos na minha vida, para que tudo pareça mais familiar. Cria situações, eventos, personagens, idiomas, lugares, tudo o que interage comigo. Desenha os sonhos, devaneios, perturbações, conflitos, dilemas etc. E então? Como continua?

— É isso — concluiu o sujeito. — Tudo o que aconteceu convosco, isto é, os últimos eventos, foi extraordinariamente bem definido nessas poucas palavras.

Olga ficou chocada, não pela estranha natureza dos acontecimentos, mas por ter acertado na mosca. O homem se sentiu na obrigação de explicar o resto.

— Não vos preocupeis — principiou ele —, não sois a única no universo. No entanto, não havia melhor maneira de explicar os últimos eventos que por meio da teoria solipsista. Quanto a Bastien, ele só existiu para vós. Nenhuma outra pessoa o conheceu. Eu precisava de um pano de fundo, uma

forma de encarnar as vossas quedas, de representar as vossas lutas internas, de refletir a vossa raiva contra um mundo injusto e superficial, que está sempre mergulhado no coletivo e mascarado sob a forma de um conceito, tudo de uma maneira menos abstrata e um tanto mais dramática. Portanto o criei, inventei uma história, um passado, toda a bagagem que ele carregava consigo. Marie, Armand, Simon, nenhum deles existiu objetivamente. Foi necessário criá-los. Eles, especialmente Bastien, serviram ao propósito. Quanto à vossa experiência, chamemos de *fluxo de introspecção*.

— Então, eu também não fui demitida?

— Ainda não, mas será. Afinal, se estais agora aqui neste banco, é porque o trem se atrasou.

— Mas se a demissão ocorreu apenas no meu pensamento, pode ser que ela não se concretize — argumentou Olga. E completou: — Eu idealizo muitas coisas que não se tornam reais.

— É um olhar otimista frente a um mundo gélido.

— Em todo caso... Em todo caso, eu não gostaria de voltar para lá, não é verdade?

— Não cabe a mim responder essa pergunta — replicou o homem.

Olga pensou por um instante.

— Eu ainda não entendi qual foi o intuito da experiência — disse ela.

— Em termos objetivos, foi aplicado para reforçar a vossa identidade, a maneira singular com a qual vedes o mundo. Não vos enganeis: não mudei nada na vossa vida, Olga; vós o fizestes. O que fiz foi apenas abrir uma porta e mostrar uma infinidade de caminhos. Todos eram obscuros, lamacentos,

incertos, voláteis. Não vos deixastes inquietar por isso. Almas vazias escolheriam continuar com bando ao invés de explorar as turvas águas da própria mente. Daí a pergunta para ver o quão convencional uma pessoa é: se um evento ocorre somente para ela, de sorte que ninguém mais o vivencie, tampouco tenha conhecimento de sua existência, ao passo que ele talvez soe absurdo, inclusive pela ausência de lógica e conexão com a linearidade dos fatos, ele persiste sendo real?

— Em um mundo onde as coisas só adquirem veracidade quando são registradas, e precisam, necessariamente, passar pelo crivo do outro, ao passo que contemplação jamais seria considerada real, é possível que neguem a existência de eventos dessa natureza. Porém, não foi exatamente o que eu fiz?

— Duvidastes da vossa sanidade mental, é verdade. Porém, no fundo, não refutastes a ideia da falta de lógica. Em verdade, sei que a desejais ardentemente.

Nesse instante, uma gota d'água caiu de um dos galhos do olmo sobre o semblante de Olga. Por algum motivo, a imagem de seu avô voltou-lhe à memória. O homem prosseguiu.

— Mas ainda há uma pergunta a ser respondida — e olhou para ela, como que esperando a resposta. Foi a primeira e única vez que fizeram contato visual durante o diálogo.

— Sim, é claro — secou a gota d'água com o punho da manga e continuou. — Há um mistério ainda não resolvido. Eu custei a desvendar essas charadas. Primeiro, a sua aparição. Um sujeito enigmático surge do além, profere frases profundas e em completa sintonia com os meus pensamentos, para na sequência desaparecer como uma sombra. Isso sem mencionar o fato de saber o meu nome. Essas aparições continuam

ocorrendo periodicamente, direta ou indiretamente. Com o tempo, eu passo a perceber alguns traços idiossincráticos desse indivíduo. Momentaneamente, eu os ignoro. Porém eles permanecem fumegantes, como brasas incandescentes, na fundura do poço mais abafado da minha mente. Aquelas singularidades eram-me familiares. Não foi até o dia em que nos encontramos na catedral que a minha suspeita se confirmou. Honestamente, eu ainda hesito em considerar essa personificação possível, mesmo após a nossa conversa de hoje. Eu não a compreendo, e talvez jamais poderei compreender. Minha limitação humana ao mundano não me permite reconhecer essa transcendência. Eu compreendo a inexistência de Bastien, mas não o ganho de forma da minha consciência. Eis, mais uma vez, a contradição dos meus pensamentos.

Terminado esse discurso, Olga sentia-se como um grande investigador, que encontra a resposta de um difícil mistério, com provas irrefutáveis, porém sem qualquer lógica. Era como se tivesse o cão preso à coleira, mas a coleira não estivesse presa ao cão.

— Porém — completou ela —, mais uma vez, nada faz sentido.

— E nem é preciso que faça. Em nossas efêmeras existências, talvez o melhor que possamos fazer seja deixar de lado a incessante busca por sentido, e contemplar, contemplar aquilo que aos olhos da razão normalmente é obscurecido.

Nada mais foi dito. Olga não estava menos confusa do que antes. De certa forma, ela ainda nem parecia ter saído daquele sonho no qual lia o livro onde as páginas estavam fora de ordem.

Após este encontro, Olga nunca mais viu aquela personificação de sua própria consciência. Era estranho inclusive considerar, do ponto de vista racional, que algo desse gênero fosse possível. Estava novamente dividida, dessa vez entre a razão, inerente ao humano, e seu novo parquinho, um mundo onde a mescla entre sonho e realidade era possível.

Fosse como fosse, Olga lembrou-se por toda a vida daquela figura, e carregou aqueles eventos por toda a eternidade findável. A história dela continuou, mas nós podemos parar por aqui.

“E como terminou aquele encontro?”, deve estar se perguntando o leitor. Terminou de maneira sublime. Nós tentaremos explicar, por meio de palavras indiretas, de um modo ao mesmo tempo poético e moralizante, o que aquela figura, que se mostrara através de uma forma humana, disse a Olga antes de partir.

> *Tandis que beaucoup lèvent les épées, les fusils et les grenades, nous élevons les livres, les idées et les propositions. Aucune révolte armée n’est à la hauteur d’une révolution intellectuelle.*
>
> Enquanto muitos levantam as espadas, os fuzis e as granadas, nós levantamos os livros, as ideias e as propostas. Nenhuma revolta armada é páreo para uma revolução intelectual.